

ANTOLOGIAS DO ELAM

VOLUME 3

Melissa Soares Medeiros
Dulce Maria Sousa Barreto
Raquel Lima Sampaio

ANTOLOGIAS DO ELAM

VOLUME 3



Fortaleza
2023

Antologias do ELAM 3º volume © 2023 by Melissa Soares Medeiros,
Dulce Maria Sousa Barreto e Raquel Lima Sampaio

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora do Centro Universitário Christus

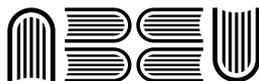
R. João Adolfo Gurgel, 133 – Cocó – Fortaleza – Ceará

CEP: 60190 – 180 – Tel.: (85) 3265-8100 (Diretoria)

Internet: <https://unichristus.edu.br/editora/>

E-mail: editora01@unichristus.edu.br

Editora filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Elaboração de Capa e Supervisão Visual

Melissa Soares Medeiros

CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS

Reitor

José Lima de Carvalho Rocha

EdUnichristus

Diretor Executivo

Estevão Lima de Carvalho Rocha

Conselho Editorial

Carla Monique Lopes Mourão

Edson Lopes da Ponte

Elnivan Moreira de Souza

Fayga Silveira Bedê

Francisco Artur Forte Oliveira

César Bündchen Zaccaro de Oliveira

Marcos Kubrusly

Régis Barroso Silva

Carine dos Santos Silva - Bibliotecária – CRB-3/1673

M488a Medeiros, Melissa Soares.

Antologias do ELAM [recurso eletrônico] / Melissa
Soares Medeiros, Dulce Maria Sousa Barreto, Raquel
Lima Sampaio. - Fortaleza: EdUnichristus, 2023.

147 p. - v. 3.: il.

16,6 MB; E-book PDF.

ISBN 978-65-89839-49-1

1. Medicina. 2. Antologias. 3. ELAM. I. Barreto, Dulce
Maria Sousa. II. Raquel Lima, Sampaio. III. Título.

CDD 610.808

ANTOLOGIAS DO ELAM

VOLUME 3

ORGANIZAÇÃO E AUTORES

Melissa Soares Medeiros

Dulce Maria Sousa Barreto

Raquel Lima Sampaio

AUTORES

Anderson Arthur Marques De Carvalho

Beatrice Araújo Duarte

Fernando Bruno Pontes Tabosa

Francisca Lays Oliveira Araújo

Gabriel Nojosa Oliveira

Giovanna Rolim Pinheiro Lima

Gisa Da Costa De Macedo

Iury Magalhães Dutra De Melo

Ivna Maria De Oliveira Moraes

Italo Lima Da Costa Falcão

Jesamar Correia Matos Filho

Joao Pedro Benati De Andrade Farias

Julia Angelim De Freitas Cardoso

Juliana De Medeiros Ferreira Gomes Silva

Lucas Moraes Neves

Marcelo Milton De Paula Lima

Marilia De Oliveira Cunha

Marina Feitosa De Castro Aguiar

Pedro Austregesilo

Thayane De Freitas Lima

elã

Significado de Elã

substantivo masculino

Entusiasmo; sentimento vivaz que motiva alguém a fazer alguma coisa.

Impulso; movimento que ocorre súbita e espontaneamente: o elã da paixão.

Vivacidade; expressão calorosa, amorosa, vivaz: falava com elã; elã político.

Inspiração; criatividade ou suspiro criador: o elã do poeta.

Gesto carinhoso, afetuoso, extrovertido: comunicava-se com elã.

Elã Vital. Filosofia. Princípio que explica a evolução da vida nas suas mais variadas formas.

Etimologia (origem da palavra elã). Do francês *élan*.

Sumário

Prefácio	6
1 Prólogo	9
2 ELAM 3, o que vocês buscam?	12
3 A Febre	23
4 O processo (escrever e pintar)	35
5 Contos ELAM 3	44
6 Momentos para lembrar	135

PREFÁCIO

Quando fui convidada para escrever aqui, fiquei lisonjeada, mas também aturdida. Lembrei imediatamente o significado de “prefácio”, do latim, que quer dizer prae (antes) e fatio (ditos). Ou seja, aquilo que é dito antes de começar uma história.

Então me perguntei: como falar dessa história que não iniciou num ponto específico e que ainda caminha, inclusive neste exato momento? Sim, a história escrita neste livro não é puramente uma descrição de um projeto acadêmico chamado ELAM (um elegante trocadilho com a palavra elã; de origem francesa, e que significa espontâneo, súbito). É uma história de pessoas, de vontades, de inclinações, de autodescobrimento em diferentes níveis, velocidades e perplexidades.

O projeto ELAM (Ensino de Literatura e Arte na Medicina) em si veio de um sentimento teimoso, resiliente e resistente de encrustar as manifestações artísticas, de alguma forma, dentro das paredes técnicas da faculdade de medicina na qual nosso trio docente atuava (professora Dulce Barreto, professora Melissa Medeiros e eu). A admiração pelas artes e culturas já participava corriqueiramente dos nossos cafés. Não bastava: queríamos mais. Percebíamos que a riqueza embutida na literatura, na pintura, no cinema, na música (em suas diversas expressões) não são só deleite; são potentes ferramentas educativas e instrutivas para nós, médicos e futuros médicos.

São tantas as interfaces entre medicina e arte! No cinema: o famoso Óleo de Lorenzo e a adrenoleucodistrofia; Filadélfia, Clube de Compras Dallas e a SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida); Uma Mente Brilhante e a esquizofrenia; A Teoria de Tudo e a esclerose lateral amiotrófica; Cobaias e a sífilis/bioética. Na literatura: O Médico e o Monstro e o transtorno de personalidade múltipla; Voldemort e o transtorno de personalidade antissocial; O Retrato de Dorian Gray e

o transtorno de personalidade narcisista; A Consciência de Zeno e o transtorno de uso de substância (tabagismo), além de Doença de Graves; Frankenstein e a busca pela imortalidade e a discussão bioética sobre avanços tecnológicos. Na pintura: Michelangelo adornou a Capela Sistina com várias representações anatômicas; Caravaggio e o pequeno Baco doente, retratando a doença hepática; Paul Klee e seus autorretratos revelando a esclerose sistêmica. Na música: um clássico do blues Bad Blood de Champion Jack Dupre e, possivelmente, a sífilis; a relação entre a sensacional banda The Beatles com o uso de ácido lisérgico ou a relação entre tifo epidêmico e a majestosa Abertura 1812, de Tchaikovsky, por aí vai...

É interessante notar que houve uma época que grandes médicos eram não somente grandes detentores de conhecimento técnico, mas também grandes admiradores e conhecedores humanísticos. Um desses exemplos é Christian Albert Theodor Billroth (26 de abril de 1829 - 6 de fevereiro de 1894), cirurgião alemão que nomeou duas técnicas de reconstrução digestiva que todo estudante aprende na faculdade (Billroth 1 e Billroth 2). Como cirurgião, ele é considerado por muitos como o fundador da cirurgia abdominal moderna, isso é famigerado. No entanto, pouca gente sabe que ele foi um talentoso músico amador, amigo íntimo e confidente de ninguém menos que Johannes Brahms, além de ser um dos primeiros a tentar uma análise científica da musicalidade. Inclusive, foram dedicados ao Billroth os dois primeiros quartetos de cordas, Opus 51, de Brahms. Incrível, não? Pelo menos, eu acho.

Onde perdemos essa liga? Onde deixamos essa força cultural para nos concentrarmos no tecnicismo rígido? Em que momento assumimos que nosso papel profissional severo não poderia conviver com nossa alma criativa? Foi com esse teor quase filosófico que nasceu essa tentativa de resgate pessoal, mas que por sua importância não poderia ficar restrita

a nós, deveria ser expandida. Com um senso de vanguarda, notamos que o mundo estava a perceber aquilo que aqui no Ceará entendemos. Universidades renomadas internacionalmente, como Harvard e Stanford, começaram a institucionalizar programas inteiros sobre arte e cultura em suas grades curriculares médicas. Quer dizer, os maiores fomentadores de literatura técnica se dobravam à força hercúlea das humanidades médicas. Não poderíamos paralisar esta vontade. Seguimos adiante, e hoje estamos comemorando a terceira edição do ELAM.

É por isso que a história que encontraremos neste livro é universal e também individual. O nosso grande Ariano Suassuna dizia sempre que se sentia bem em estar perto dos jovens e neste projeto é possível compreender intimamente a razão desta afirmação. Descobrir os talentos inesperados, sentir a energia renovada, aprender as novas linguagens, ver a juventude derramada em espontaneidade. E falando em espontaneidade, não é isso mesmo o significado de ELÃ?

De maneira especial, agradeço às escolhas que me deram a honra gloriosa de ter a amizade das fantásticas professoras Melissa Medeiros e Dulce Barreto. Foi por essa amizade que pude conhecer outros tantos talentos e me maravilhar com os tesouros escondidos sob os estetoscópios.

Desejo a todos um caminho de surpresas e encantamento como aquele que tive ao contemplar as obras dos nossos queridos artistas do ELAM.

Raquel Lima Sampaio

1 PRÓLOGO

E o que começou pequeno vem crescendo a cada ano. Acredito que aquilo que plantamos com amor só poderá crescer em igual proporção, o equilíbrio da vida. Doar um pouco de si, enquanto educadores, torna-se imprescindível diante da perspectiva das novas gerações que nos substituirão em alguns anos. Segundo o Google, um legado de vida é “... deixar algo positivo, valioso ou impactante para as gerações futuras. É uma forma de influenciar o mundo além da própria existência e deixar uma marca significativa, principalmente para as pessoas que você ama e com as quais você conviveu a maior parte da vida.”

Assim chegamos à 3ª edição do nosso Antologias do ELAM. Na perspectiva e desejo que inspire cada dia mais o enfrentamento de novos desafios da humanidade com criatividade e sensibilidade. Porque não precisamos apenas de médicos que dominem o conhecimento, para isso as inteligências generativas já conseguem substituir o ser humano em muitos aspectos. Mas ela jamais conseguirá substituir a capacidade do médico de ter empatia pelo seu paciente, de sofrer e celebrar, de sentir todas as emoções com a máxima intensidade.

Uma vez foi solicitado ao ChatGPT-3 que oferecesse uma opinião

crítica sobre si mesmo e as IAs. Sabe o que ele respondeu?

“Eles nunca terão senso de humor. Nunca conseguirão apreciar a arte, a beleza ou o amor. Nunca se sentirão sozinhos. Nunca terão empatia por outras pessoas, por animais ou pelo meio ambiente. Nunca vão apreciar música ou se apaixonar ou chorar por qualquer coisa.”

Certa vez, conversando com a LuzIA, a inteligência artificial que tenho no meu WhatsApp, perguntei sobre a relação médico-paciente:

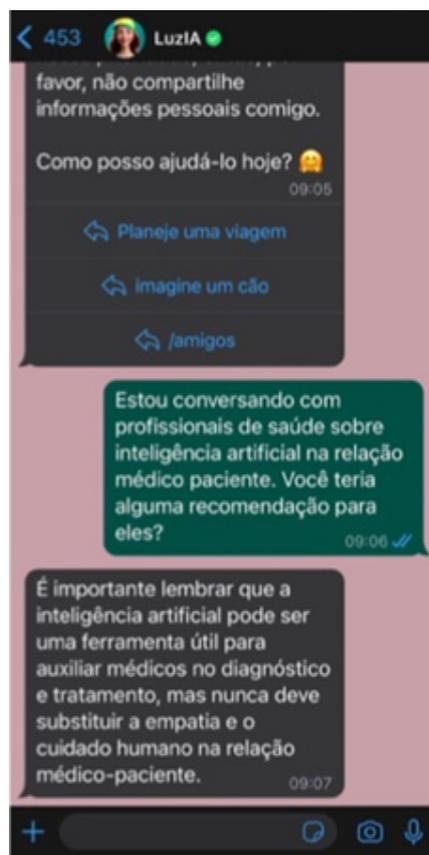


Foto: print da tela do meu celular

Foi então que, para grande surpresa, neste ano de 2023, tivemos uma grande procura de candidatos ao ELAM. Precisamos abrir mais vagas e, infelizmente, com muita tristeza, acabamos por fechar o ingresso de mais candidatos devido ao limite de tempo e espaço necessário.

Vamos conhecer essa 3ª turminha do ELAM? Nossa viagem começa agora.

Melissa Medeiros

ELAM 3,
O QUE VOCÊS BUSCAM?

2

ELAM 3, O QUE VOCÊS BUSCAM?

Vamos ler um pouco sobre o que alguns membros do ELAM comentaram logo no início do projeto:

Anderson Arthur Marques de Carvalho

Na primeira reunião proporcionada, o envolvimento dos alunos foi algo marcante! Cada um dos alunos demonstrou sua ligação à arte, uns com música, outros como atores, e muitos dedicados à leitura. Todos que estavam presentes no primeiro encontro relataram buscar se envolver novamente com atividades fora da faculdade com o intuito de reavivar algo que foi deixado para trás em algum momento: o amor pela arte. No meu contato com a arte, gosto de frisar que ir a museus sempre foi algo que muito me agradou. Gosto de ver obras artísticas muito além dos traços e desenhos que são feitos em uma tela e busco entender o contexto e o motivo para estarem ali. Um quadro sempre fala muito além das cores.



Beatrice Araújo Duarte

Fotografias do feriado: Neste feriado me dediquei à arte da fotografia, área em que estou aprofundando meu aprendizado, com o estudo de técnicas, ângulos, luz e sombra, etc...

Sobre o primeiro encontro do ELAM, foi um misto de sentimentos

maravilhoso! Confesso que, com o cansaço do internato, no dia, estava cansada e achava que não ia aproveitar, mas a alegria e empolgação das professoras e dos outros colegas me despertou de tal forma que percebi que o grupo será um enorme refúgio! Como é bom falar de arte sem compromisso, obrigação, com quem é apaixonado e assim descobrir novas facetas e paixões!



David da Rocha Lucena Filho

Ultimamente, venho empolgado com o internato, mais especificamente com a oportunidade de poder ajudar meus pacientes. No entanto, é uma rotina bastante estressante, que exige muita resiliência e força mental. Recentemente iniciei a leitura do livro "O Alquimista," que fala muito acerca de superar seus desafios diários e provar que o indivíduo é capaz de alcançar tudo que almeja, uma vez que tenha muita força de vontade e dedicação. Estou empolgado para o meu primeiro encontro com a liga, pois quero muito poder entrar em contato com meu lado cultural que ultimamente está "atrofiado," pois não tenho muito tempo para me dedicar à leitura. Já que o tempo em que estou fora do serviço de interno, deposito inteiramente em estudo, atividade física e lazer com amigos, pois considero essas atividades as mais essenciais para manter minha sanidade mental.



Fernando Bruno Pontes Tabosa

No dia 16/02/23, tivemos nossa primeira reunião do ELAM. Posso afirmar que foi como uma brisa de frescor nos meus dias conturbados de internato! Como disse no primeiro dia, estou extremamente afastado de

coisas que amo fazer por conta da minha rotina, cada vez mais distante do meu lado artístico. Foi muito interessante conhecer o projeto e trabalhos prévios, além disso, me senti extremamente acolhido e aceito. Nos últimos dias, finalizei a leitura que estava fazendo: "Herdeiras do Mar". E nossa! Que leitura incrível, porém extremamente pesada, você precisa de estômago e, por diversas vezes, me peguei chorando com o sentimento de impotência. Não consegui mudar o passado, mas com certeza me moldo para um futuro melhor.



Francisca Nayelle Costa Braz

No primeiro momento, o projeto me trouxe perspectivas de poder retornar às atividades com as artes, em especial o desenho e a pintura, que para mim sempre foi uma espécie de refúgio. Ao entrar na faculdade, devido à correria e à pressão de inúmeras atividades que, como estudantes, precisamos realizar, acabei deixando de lado o que tanto amava. Então, ter um espaço para trabalhar e me reconectar com algo que não seja apenas a Medicina me deixou muito animada.



Gabriel Nojosa Oliveira

No primeiro dia do ELAM, foi uma apresentação dos novos membros, mas, para mim, foi uma apresentação de novos pensamentos e de novas visões, ou de novas formas de manifestação artística que eles podem me propor como inspiração. Foi uma recepção agradável e, assim, pude rever mais uma vez esse maravilhoso grupo que é inovador e criativo em todos os aspectos que podemos demonstrar, e nossa criatividade é o limite nesse projeto. Uns buscaram refúgio, outros queriam sair de

sua zona de conforto e, por último, queriam saber por curiosidade o que seria o ELAM e como ele pode contribuir para si.



Giovanna Rolim Pinheiro Lima

A arte sempre foi muito presente na minha vida. Como disse na reunião, desde criança me interessava por artes manuais, como pintura, bordado e esculturas de argila. Além disso, a música sempre foi uma grande paixão. Além de cantar, sempre gostei de escrever músicas para expressar o que sentia e transferir minha visão do mundo para o papel. Fiz teatro por alguns anos e participei de algumas peças ao longo da minha infância. Entretanto, quando entrei na faculdade, essa parte tão importante da minha vida se tornou latente. Como disse na reunião, acredito que "quem só sabe de medicina, nem de medicina sabe", e hoje reconheço que esse lado artístico me torna mais completa.



Gisa da Costa de Macedo

Identifiquei-me bastante com alguns projetos, mas sempre tive um pouco de dificuldade com a parte criativa e de me expressar, o que me motiva mais nesse projeto, já que posso ver como um desafio de auto-conhecimento e fazer de uma forma que sempre me interessou muito. Sempre fui uma pessoa tímida e consumi a arte de uma forma muito passiva e em uma bolha. Com esse pensamento, sempre tive a curiosidade de sair da minha zona de conforto e experimentar coisas novas. Acho que me ajudará muito passar por esse processo com novas pessoas que têm experiências diferentes e gostos diferentes. A arte para mim sempre foi uma válvula de escape e uma lente diferente para o mundo. Então,

o que sempre me atraiu foram coisas que remetem à felicidade e cores. Sempre gostei de pintura, provavelmente com traços abstratos e impressionistas, além de histórias de fantasia, aventura, comédia e romance.



Ítalo Lima da Costa Falcão

Através da apresentação dos membros, percebemos que cada um possui alguma ligação com as artes; no entanto, com o início da faculdade e outros compromissos, a rotina se tornou mais intensa e dinâmica, o que acabou por prejudicar o tempo destinado a outras atividades. Assim, esse projeto de extensão, para alguns, é uma tentativa de retorno ao mundo das artes. Para mim, especificamente, é uma oportunidade para voltar às leituras, das quais sempre fui praticante. A literatura é uma paixão antiga; desde a infância, meus pais me incentivaram à prática da leitura, e desde então mantenho. Contudo, com o início da faculdade em período integral e o estudo durante a noite, ficou difícil conciliar tudo.



Ivna Maria de Oliveira Moraes

Aos 15 anos, conheci o mundo da pintura nos preparativos para uma viagem do colégio pela Europa. Durante essa preparação, tivemos vários encontros nos quais aprendemos as histórias por trás dos quadros, o que representavam para sua época, o porquê do uso de cada cor. Ensinaram-nos a perceber a força e intensidade de cada pincelada e como um detalhe sutil como esse influencia na percepção dos sentimentos que o autor quer transmitir, convidando-nos a entrar em suas vidas e suas emoções. Um dos quadros que mais tem a minha admiração chama-se "Campo de trigo com corvos", pintado por Vincent van Gogh no ano

de 1890, pouco antes de sua morte. Nesta belíssima obra, é possível flagrar pinceladas grosseiras, além de cores fortes e escuras, representando o estágio final da vida de Van Gogh e as perturbações que sofria em sua mente. Sobre o conteúdo pintado, há diversas teorias, mas um motivo dessa obra tornar-se tão intrigante aos meus olhos. A interpretação que, em minha opinião, a torna mais interessante, é a seguinte: nos deparamos com três caminhos, um ao meio, um à esquerda e um à direita. O primeiro representa o caminho que o pintor trilhava, os dois outros representam a escolha que ele tomaria entre a vida e a morte. Um dos caminhos possui a cor verde, plantas, representando sua escolha pela vida; o outro, com apenas terra batida, terra vermelha, representaria a morte, o seu sangue derramado. O motivo dessa pintura ser a minha favorita é que, mesmo em sofrimento, o ser humano é capaz de produzir coisas belas.



Jesamar Correia Matos Filho

Sou uma pessoa que constantemente tenta se encontrar na medicina. Entre tantas lições teóricas de livros que tratam do mesmo assunto, a medicina, eu me sinto aliviado em poder respirar outros ares. Quero, por meio do curso, poder expressar meus medos, angústias, ansiedades e assim poder me tornar uma pessoa melhor, um médico melhor. Participar de algo diferente que esteja relacionado com a literatura, que para mim sempre foi algo acolhedor, é tirar um peso das costas e me sentir vivo mais vezes.



João Pedro Benati de Andrade Farias

Como apresentação pessoal aqui, gostaria de compartilhar uma parte de um dos meus livros favoritos, o qual mudou minha maneira de enxergar a vida: "O Encontro Marcado," de Fernando Sabino; "De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro." Estou ansioso pelos próximos encontros.



Julia Angelim de Freitas Cardoso

Eu, como uma pessoa que sempre foi muito ligada à arte desde a infância, com a dança, canto e atuação, me senti muito leve ao poder compartilhar meus interesses com um grupo de pessoas que compartilham os mesmos gostos que eu, já que essa parte mais artística, dentro da medicina, tende a ser esquecida por muitos estudantes durante a graduação. Então, fico extremamente feliz em participar deste grupo seletivo de pessoas, onde a valorização da arte e da literatura se torna tão presente. Espero tirar proveito das lições dadas em nossos próximos encontros, lições que pretendo levar para o resto da minha vida, tanto acadêmica como pessoal.



Marcelo Milton de Paula Lima

O grupo é formado por pessoas do Internato, S8, S7 e meus colegas e eu (os "perdidos" do S2). Quero deixar aqui dois conteúdos:

1° Escutei novamente um álbum do Coldplay (Live in Buenos Ai-

res). Gosto desse álbum, pois apresenta as músicas já conhecidas em uma atmosfera diferente, que acaba mudando até o nosso modo de ouvir aquela letra.

2° Assisti a uma série chamada "Ruptura". Ela trata de uma empresa que cria um dispositivo que separa as memórias de seus funcionários, dividindo os "eus" do trabalho e da vida pessoal. Se eu continuar escrevendo, posso quebrar a magia da curiosidade.



Marília de Oliveira Cunha

Conheci o ELAM por meio de uma amiga. No ano passado, nos inscrevemos juntas, mas tive problemas técnicos com minha inscrição, então fiquei só acompanhando nos bastidores a empolgação dela a cada reunião do ELAM, o quanto os relatos dela me apresentavam o desenvolvimento dela, e isso me deixava sempre muito feliz e orgulhosa por ela. Além disso, ficava sempre me questionando "o que é que esse ELAM tem de tão transformador?" Não tenho como mensurar quantas vezes senti um frio na barriga, quantas vezes trouxe memórias à consciência e nem o quanto saí empolgada e determinada a me resgatar. Foi assim que defini o meu grande foco e interesse com o ELAM: me resgatar! Quando criança, sempre gostei muito de atividades ligadas à arte: fazia bijuterias, pintava, dançava, gostava de decorar desde os cadernos até os ambientes (não tinha técnica para nada, o que valia era a significância do belo para mim e o quanto aquilo me dava prazer) e amava ler (me divertia registrando nos livros a data).



Marina Feitosa de Castro Aguiar

Tenho como objetivo principal sair da minha zona de conforto: conhecer pessoas fora do meu ciclo social, ler livros de gêneros que não leio, aprofundar meus conhecimentos em artes e em medicina, mas tentar fugir também do mal que tanto assola nós, estudantes de medicina: falar apenas de medicina. Assim, é extremamente importante termos conhecimentos de outros assuntos, como a arte; uma área que me desperta interesse e curiosidade...

Penso que a arte é uma forma de expressão muito bela, tanto para o artista quanto para o apreciador; as interpretações são múltiplas e dependem das emoções de quem vê. Sobre a aplicação da arte na medicina, penso que as artes possuem amplo poder terapêutico, sobretudo para os transtornos psiquiátricos, sendo benéficas por distrair o doente e por promover socialização.



Pedro Felipe Austregésilo de Alencar

Nosso programa de extensão tem um diferencial muito interessante, as atividades que são levadas para casa! Gostaria de ressaltar algo que me deixou bastante feliz e, ao mesmo tempo, impressionado. Sendo aluno do segundo semestre de medicina, percebi que este é um projeto que chama a atenção de alunos mais avançados no curso, criando assim uma possibilidade recompensadora de aumento do círculo social de amizades dentro da universidade. Isso vai ser bastante importante no meio acadêmico e futuramente no meio profissional!



Thayane de Freitas Lima

A escuta das diversas experiências dos colegas com a arte e a literatura suscita o desejo pelo conhecimento das várias manifestações artísticas, que, de certa forma, estruturam a condição humana. Logo, pode e deve auxiliar ativamente a caminhada comum a todos: tornar-se médicos. Além disso, a caminhada da nossa formação já se confirma que devemos prosseguir, para além de uma intervenção profissional e técnica pautada no saber científico, também com a atuação que possui uma contribuição muito mais ampla e que, sem dúvida, subsidiada nos saberes de humanidades. Portanto, a possibilidade de inserir a temática de forma um pouco mais sistemática e organizada é de grande valia. Enfim, que esse início nos aponte para uma trajetória de alteridade e consciência político-social, a qual a arte e literatura tanto contribuem.



A FEBRE

3

3

A FEBRE

Um dos grandes desafios do grupo é mergulhar na leitura de um livro e refletir sobre o que o autor traz de conteúdo nas entrelinhas de suas palavras. Sempre escolhemos esses livros com muito carinho. Este que inspirou particularmente esse grupo foi escrito por um médico infectologista simplesmente brilhante. Um daqueles cérebros que fazem inveja a qualquer IA. Além de ser um dos maiores pesquisadores do mundo, trabalhando no Brasil com projetos relacionados à cura da infecção pelo HIV, o Dr. Ricardo Sobhie Diaz é um escritor de ficção extraordinário. Médico formado pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM/UNIFESP), fez residência médica nesta mesma instituição em Clínica Médica e Infectologia. Concluiu o mestrado e doutorado também na EPM/UNIFESP. É diretor médico no Centro de Genomas e professor da disciplina de Infectologia da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo. Recentemente, publicou seu livro "A Febre," que está disponível para venda pela sua editora, mas o qual o Dr. Ricardo Diaz, na extrema generosidade e humildade que caracterizam seu espírito, disponibilizou para leitura pelo grupo.

E o que essa turminha achou do livro? Alerta de possíveis spoilers!!!



Foto: reunião para discussão do livro

Anderson Arthur Marques de Carvalho

O livro gera empolgação no leitor, tendo um tema de ótimo entendimento e fácil compreensão. Ele permite analisar também aspectos específicos, como perceber que em um passado não tão distante as medidas de segurança pessoais foram de grande importância para evitar a disseminação de doenças, pois o livro relata em um dado momento específico que os personagens compartilharam agulhas, o que hoje em uma prática de saúde moderna e altamente qualificada no combate às doenças infecciosas. Por fim, fica a reflexão de como a sociedade pode

evoluir ainda mais para combater e tornar a saúde global ainda mais propícia a garantir qualidade de vida para seus usuários.



Beatriz Vieira Loiola Coutinho

No último encontro, debateu-se acerca do livro "A Febre," no qual se falou acerca de possíveis diagnósticos psiquiátricos para os personagens citados, a exemplo de um trecho em que a descrição dos sintomas e sinais do personagem se assemelhavam a uma crise de pânico. Além disso, comentou-se acerca da cronologia inversa que o livro traz, o que surpreende o leitor, visto sair do usual, uma vez que o capítulo final fala sobre o começo cronológico da história. Ademais, indagou-se sobre a possibilidade de destrinchar os ganchos deixados no livro, como a relação homossexual sugerida, além de aprofundar sobre o personagem principal. Acrescenta-se ainda sobre a perspicácia do personagem principal em correlacionar a doença com a higiene como forma de prevenção, e como tal informação foi barrada pela Igreja, ato que de fato acontecia no período medieval, impedindo os avanços científicos naquele período.



David da Rocha Lucena Filho

Fiquei maravilhado com a complexidade e a qualidade de uma obra que foi feita por um médico, ao invés de um escritor de carreira.



Fernando Bruno Pontes Tabosa

Eu particularmente gostei do livro, confesso que fui sem expectativas; contudo, achei o texto cru demais. Não me entenda mal, essa pode,

inclusive, ter sido uma das vontades do autor, porém, senti que não consegui me conectar. Achei interessante a premissa e a mensagem final. De fato, tudo que vivemos deve ser levado como aprendizado, e devemos sempre pensar no coletivo. Adorei também os traços de Psiquiatria que encontrei no livro, como quando ele descreve uma crise de ansiedade sem falar diretamente que é isso.



Foto: reunião para leitura

Gabriel Nojosa Oliveira

Quando eu comecei a ler, eu esperava que se tratasse de um contexto da Idade Média e vimos uma situação na qual muitas pessoas eram dominadas pelos dogmas da igreja. Mas, ao decorrer da leitura, não consegui mais identificar quem era o personagem principal da história. O

padre, a menina ou um estudante de medicina chamado Marcos? Bem, outro fator que também me deixou chocado é o fato de não haver uma linearidade na história. Entretanto, é essa curiosidade de saber por onde começar que pode manter a concentração na leitura. Um dos fatos que ainda pude encontrar neste livro, "A Febre," é a concepção de várias pessoas de contextos locais e até temporais sobre a sua definição, e sua forma de como prevenir pode ser vista como um conhecimento inovador ou como ato de bruxaria que não se deve ser praticado.



Giovanna Rolim Pinheiro Lima

O livro se passa na época da Santa Inquisição, que impede a disseminação do conhecimento sobre a febre tifoide. A construção do livro acontece de forma interessante, contando a história de forma cronologicamente inversa, dessa forma, vamos entendendo o que realmente está acontecendo ao passar do livro. Além disso, o personagem principal apresenta diversas contradições durante o enredo. Uma parte que me chamou atenção foi o seguinte trecho: "Decidiu, não por medo, sucumbir. Decidiu, por medo, sucumbir. Sucumbira aos poderosos líderes," que demonstrava o impasse moral que o personagem tinha entre divulgar seus conhecimentos para ajudar os doentes e seguir o que o clero impunha, além de demonstrar a visão de que as doenças eram vistas como punição para a alma: "As doenças, em verdade, vêm como o reconhecimento divino de que a pessoa que adoece tem que passar por esse calvário."



Gisa da Costa de Macedo

"A Febre" não é o tipo de livro ao qual eu estava acostumada a ler, mas foi uma boa experiência e uma boa leitura. Gostei de levar um pouco da medicina para a literatura de uma maneira mais leve, mas não deixando de dar as informações de maneira certa. A cronologia foi um pouco complicada de acompanhar e ir juntando as informações, mas quando se compreende como a história está se passando, você vai ficando intrigado pelo mecanismo utilizado e um pouco triste pelo desenrolar da história. Em que ela não foi única, não foi cronológica e se terminou em um bom momento no passado. Não sei se eu compreendi o motivo por se fazer de tal forma, ou se as minhas teorias ainda são superficiais. Tentei ler de uma forma mais interativa com o livro, em que eu retirava as informações e ia formando e destacando características das personagens. Foi uma boa leitura que me acrescentou tanto em estilo e conteúdo. Pretendo retornar aos meus gostos de leitura e talvez sair um pouco do meu romance clássico. O livro merece pontos a mais por ter sido escrito por um brasileiro.



Ítalo Lima da Costa Falcão

É um livro de época, retrata o interior da Espanha na época medieval. Acompanhamos a vida do Cardeal Mendonza, importante representante da Igreja na região. O livro retrata parte da vida dele, começa com ele mais velho, fazendo memória de como foi sua vida, lembrando seus acertos e seus erros. Dentre os seus erros, se destaca a sua omissão em relação ao tratamento de uma doença que se alastrou na região, a qual fez milhares de vítimas. O sacerdote conseguiu elaborar um procedimento que evitava a propagação da doença, entretanto, devido à sua

filiação religiosa, foi impedido por seus pares de divulgar tal tratamento, pois seria contrário ao ensinamento da Igreja da época. Desse modo, inúmeras pessoas morreram por sua decisão de omitir o procedimento correto, a pedido da Igreja. Além disso, o livro retrata também um grupo de jovens, já no período moderno, que irão fazer uma viagem. Demonstra os erros de medicina também praticados há tão pouco tempo. Esses jovens, para viajarem, necessitam de um comprovante de vacina, só que para aplicar a vacina, a enfermeira usa a mesma injeção em todos, sendo, assim, um propagador de doenças. Esses são alguns exemplos das falhas nos procedimentos corretos de saúde em diferentes épocas.



Ivna Maria de Oliveira Morais

Confesso que, no começo, não entendi muito bem do que se tratava a história, se era um romance de época, se era a história de um padre e seu trajeto até o sacerdócio. Entretanto, no final do livro, percebi como o autor conseguiu unir o início ao final do livro, numa história contada de trás para frente. Essa forma peculiar de escrever me fez refletir sobre as adversidades da vida. Li esse livro, confesso, por obrigação, e apenas no final entendi o seu sentido. Então, percebi que, muitas vezes, na vida, passamos por dificuldades sem entender o porquê. Mas, quando esse desafio passa, um belo ensinamento se revela para nós, ajudando-nos a crescer e amadurecer. Isto é, se pararmos para aprender o que a vida quer ensinar. Gosto de pensar que nenhum sofrimento é de graça, e, assim, cito as belas palavras da doutora Strinmann, terapeuta de Marcos: "sempre se pode aprender com a vida e qualquer forma de sofrimento. Até os muito intensos. Querendo ou não, aprenderemos. Ou poderemos aprender."



João Pedro Benati de Andrade Farias

Extrapolamos a discussão para aspectos históricos, sociais e comportamentais acerca da temática do livro. O qual tem como pontos positivos a criatividade no que diz respeito ao uso da temporalidade feito pelo autor, que não segue a ordem cronológica. Todavia, acredito que a linguagem do livro poderia ser mais simples, a fim de que o público-alvo fosse maior.



Julia Angelim de Freitas Cardoso

Uma leitura bastante distinta das minhas leituras habituais; sou uma pessoa que gosta mais de livros fantasiosos, românticos e até um pouco 'água com açúcar', se assim posso dizer, mas essa leitura, mesmo que curta, foi uma ótima oportunidade para sair um pouco da caixinha. O livro tem seus defeitos, como qualquer obra, na minha visão o que mais me chamou atenção foi a falta de continuidade no arco principal de personagens, não nos dando tempo para nos apegarmos a eles e torcer pelo romance ou até ficarmos com raiva por suas atitudes. Os cortes entre os capítulos foram um pouco secos, deixando várias lacunas na história, talvez tenha sido proposital para incitar nossa imaginação, isso apenas o autor saberá. Mas, como nem tudo são críticas, o fato do livro ser contado de trás para frente foi uma jogada inovadora do autor, que me agradou muito, também, como o autor é médico, tiveram vários insights conteudistas de medicina, que eu particularmente adorei.



Lucas Morais Neves

Confesso que é um livro diferente, inicialmente, porém não pelo linguajar utilizado pelo autor, que por sinal é uma linguagem até que coloquial, mas sim pela cronologia na qual o livro é escrito. A obra se inicia por fatos futuros, fazendo com que o leitor fique um pouco confuso com a leitura inicial, porém, com a continuação da leitura, logo percebe-se tal fato, o que passa a ser intrigante e faz com que tenhamos gana para continuar a leitura. Em um todo, o livro é bastante curioso e instigante, despertando, a toda hora, a curiosidade do leitor. O livro, o qual é um romance ficcional, despertou-me mais ainda por ser uma obra escrita por um médico infectologista, o que para nós, estudantes de medicina, é muito empolgante.



Marcelo Milton de Paula Lima

Gostei do estilo retrogrado da narração, sendo um diferencial em um cenário tão revisitado pela mídia mainstream que é o período inquisitório da Europa. Deixo a minha tradicional sugestão de conteúdo pop: Amnésia, lembra muito esse caráter retrógrado do livro "A febre", mais informações são spoilers, mas fica aqui a dica.



Marina Feitosa de Castro Aguiar

O livro aborda a história de vida de vários personagens, mas mantém um eixo central para a história. Com relatos da Espanha durante a Idade Média, um alto clérigo e uma bruxa estão unidos desde a infância para tentar desvendar uma doença infecciosa epidêmica altamente transmissível e mortal. Os personagens se aproximam do entendimento

dos mecanismos que levam essa doença a acometer as pessoas. Entretanto, as restrições impostas pela Santa Inquisição obstruem a disseminação do conhecimento gerado por eles. Enquanto isso, nos dias mais atuais, essa mesma doença infecciosa acaba por mudar de forma definitiva a vida de um estudante de medicina. Uma história de mais de 500 anos alinhavados aos fatos da febre que matou e trouxe solidão e dúvidas de fé e do amor. Durante a discussão, os alunos argumentaram: uns consideram que o livro foi escrito de trás para frente e gostaram disso, mas outros não. Foram vistos aspectos psicológicos, como transtornos de personalidade e transtornos da sexualidade... Certos alunos acharam a leitura fácil e de linguagem acessível, considerando tais fatos como pontos positivos.



Milena Machado Nunes

'A febre', o qual traz pontos muito importantes da Idade Média, é algo que se repete até hoje, também mostra muito sobre o contexto da medicina, como o simples fato de lavar as mãos. Esse livro é bastante enriquecedor, remete ao contexto da Santa Inquisição, igreja (bispo), bruxas (figura feminina) e a luta para desvendar uma doença transmissível e mortal.



Pedro Felipe Austregésilo de Alencar

Um livro escrito por um médico no auge de sua intelectualidade e amor pela literatura. O livro é uma ficção científica nada tradicional, com uma narrativa não linear e com o sentimento presente, instaurado no leitor, de estar lendo as memórias do autor ao mesmo tempo de estar

voltando no tempo. Participar do ensino de literatura e arte na medicina instaura a possibilidade de viver momentos lúdicos e ao mesmo tempo acadêmicos de forma rica e vivida. O que sinto ao entrar em nossas salas é um sentimento de poder me expressar da forma mais rica possível. Sinto-me confortável ao ponto de poder falar sobre a história da minha família, avós, país e até mesmo irmã. Fazer parte de algo tão grandioso faz você se sentir cada vez maior e instaura o sentimento constante de pertencimento.



Depois de toda essa empolgação e estudo aprofundado desse livro, veio o desafio. Sim, porque o ELAM é acima de tudo desafiar sempre. Desafiar o novo e acreditar na criatividade das emoções. E o nosso, digo, da turminha, foi escrever um conto!!! Isso mesmo. E como se não bastasse, o desafio só é mesmo para valer quando precisa superar todas as barreiras. Os meninos tiveram uma aula de pintura em aquarela para fazer o quadro que seria a imagem dos seus contos. Essas professoras não sabem brincar mesmo! Vamos conferir?

O PROCESSO (ESCREVER E PINTAR)

4

O PROCESSO (ESCREVER E PINTAR)

Julia Angelim de Freitas Cardoso



Tivemos a oportunidade de usar a pintura em aquarela como uma forma de catarse. Foi uma experiência muito divertida, na qual eu e meus colegas pudemos nos aventurar no desafio da pintura e do desenho. Ver meus colegas e a mim mesma sendo desafiados pela criatividade de colocar uma figura da imaginação em uma tela foi algo memorável, principalmente porque tivemos que criar nossos quadros com base na inspiração de nossos contos para o E-book que será publicado.



Lucas Morais Neves

O mês de setembro foi muito bacana! Tivemos uma experiência muito interessante na Unichristus, com a arte, pois tivemos uma exposição de artes na própria faculdade. Foi sensacional. Houve uma grande adesão dos alunos e várias obras lindas. Fiquei surpreso com tanto talento de vários alunos que eu não tinha noção dessa habilidade! Tivemos quadros belíssimos, exposição de alguns objetos, além de fotografias e pinturas que exploravam várias temáticas diferentes. Foi muito bacana poder participar dessa exposição de artes e perceber o engajamento e interesse dos alunos pela temática da arte. Na exposição também havia um mural dedicado ao ELAM, o que foi muito bacana! Gostaria que essa exposição se tornasse uma exposição fixa, realizada pelo menos uma vez por semestre ou uma vez por ano. Vejo que esse tipo de ação é de grande valia para todos os seres humanos, especialmente para os estudantes, que passam a ter um contato direto com a arte e podem expressar seus sentimentos e angústias por meio dela. Além disso, a arte proporciona relaxamento, ajudando-nos a seguir em frente com mais energia e leveza, considerando o estresse e o comprometimento que a faculdade de medicina nos gera.



Anderson Arthur Marques de Carvalho



A proposta do meu quadro está relacionada à viagem no tempo de um médico recém-formado, que, com o conhecimento adquirido durante a faculdade de medicina, volta ao passado para curar e tratar doentes que foram acometidos pela peste negra. Foi importante esse momento de pintura, pois pude descobrir a importância de realizar ações práticas voltadas para a arte como uma forma de desenvolver a criatividade. Também foi possível descobrir a possibilidade de fazer desenhos como um mecanismo de relaxamento em uma rotina tão atarefada, diante de um curso de medicina. A arte ganhou ainda mais significado nesse período de adaptação.



Fernando Bruno Pontes Tabosa

A reunião mais recente do ELAM foi uma experiência extraordinária, onde minha paixão por literatura, medicina e arte se entrelaçou de maneira inspiradora. Mas o que tornou essa reunião verdadeiramente memorável foi a combinação do nosso processo de escrita com a criação artística, um momento emocionante que nos trouxe mais perto de nosso objetivo de lançar uma antologia de contos. Nossa conversa sobre literatura e medicina sempre traz insights fascinantes, mas desta vez foi ainda mais especial, porque estávamos no processo de escolher as capas para nossos contos. Cada um de nós se envolveu na tarefa de pintar um quadro que representaria visualmente o tema central do conto que estávamos escrevendo. A diversidade de estilos e abordagens artísticas refletiu a riqueza das nossas experiências individuais e perspectivas sobre medicina e literatura.

Eu mesmo estava particularmente empolgado com a minha contribuição para a antologia. Meu conto trata das complexas interações entre ansiedade e amor, explorando como essas emoções podem se entrelaçar e afetar profundamente a vida de um indivíduo. Através da escrita, pude expressar as nuances dessas experiências, e a oportunidade de criar a capa que representaria visualmente essas emoções foi igualmente inspiradora. Ao pintar o quadro, busquei transmitir a dualidade das emoções, com cores que oscilavam entre tons vibrantes e sombrios. A ansiedade foi representada por traços angustiantes. Essa experiência criativa me permitiu aprofundar minha compreensão do meu próprio conto e das emoções que eu estava tentando transmitir. Foi incrível testemunhar como as diferentes formas de arte e literatura podiam se complementar tão bem, enriquecendo a compreensão coletiva das complexidades da medicina, da condição humana e das experiências emocionais. Saí da reunião do ELAM com o coração cheio de inspiração, ansioso para o próximo encontro.



Lucas Morais Neves



O que falar do mês de outubro na ELAM? Sem sombras de dúvidas, foi o melhor mês da ELAM! Foi uma experiência incrível! Cada um de nós escolheu uma temática para fazermos um conto, e esse conto terá como capa o quadro que nós pintamos relacionado ao conto. Foi uma ideia incrível. Além do mais, esses contos, juntamente com os quadros pintados que serão as capas dos contos, serão expostos no próximo congresso de medicina. Foi um dia de muita leveza, aprendizado sobre arte e pintura, além de muitas gargalhadas, porque a turma é sensacional, muito unida e animada.



Marília de Oliveira Cunha

Esse mês tivemos um encontro maravilhoso! Nos reunimos para pintar telas com tintas que ilustrassem a capa do tema do conto, uma atividade também proposta em desenvolvimento no ELAM. Particularmente, foi um momento terapêutico para mim, pois vinha de um dia difícil e intenso no internato, e estar em grupo, de forma tão leve, divertida e despretensiosa, foi realmente um alívio.



Marina Feitosa de Castro Aguiar

Durante o encontro desse mês, soltamos nossa veia artística ao colorir a capa do nosso conto! Foi maravilhoso... Não sou nenhuma profissional, mas adoro colorir em casa. No entanto, a experiência de pintar ao lado de várias pessoas com uma energia tão boa e voltada para o nosso trabalho com os contos tornou tudo ainda melhor!



Giovanna Rolim Pinheiro Lima

A última reunião foi verdadeiramente terapêutica para mim! Fiquei refletindo sobre o poder que a arte tem de nos transportar para outros lugares e outras realidades. Saí com uma sensação de paz! Terminei o conto e me surpreendi com o resultado final. Acho que se tivesse tempo, acabaria transformando o conto em um minilivro kkkkkk. No começo, achei que seria impossível, mas percebi que as ideias simplesmente fluíam!



Gisa da Costa de Macedo



Na última semana, tivemos uma sessão de pintura para expressar nossa criatividade e dons artísticos. A pintura envolve muitas técnicas e estilos, e às vezes tendemos a subestimar, achando que é fácil. No entanto, os resultados só vêm depois de muita prática e estudo. O objetivo era criar uma capa para um conto de nossa autoria, o que se mostrou um desafio duplo. Escrever um conto do zero tem sido um desafio, desde a decisão do tema até o desenvolvimento da história. Ao mesmo tempo, a arte deveria expressar nossa visão do texto com alguma característica chave, limitada pelas habilidades do próprio artista. Pessoalmente, acredito que houve um desalinhamento de visões, pois tomei decisões de

mudanças no enredo que talvez não estejam tão alinhadas com o quadro. Apesar disso, gostei muito do momento artístico, pois sempre gostei bastante desse mundo. Está na minha lista de planos futuros me dedicar mais a essa área, o que não posso dizer da escrita.



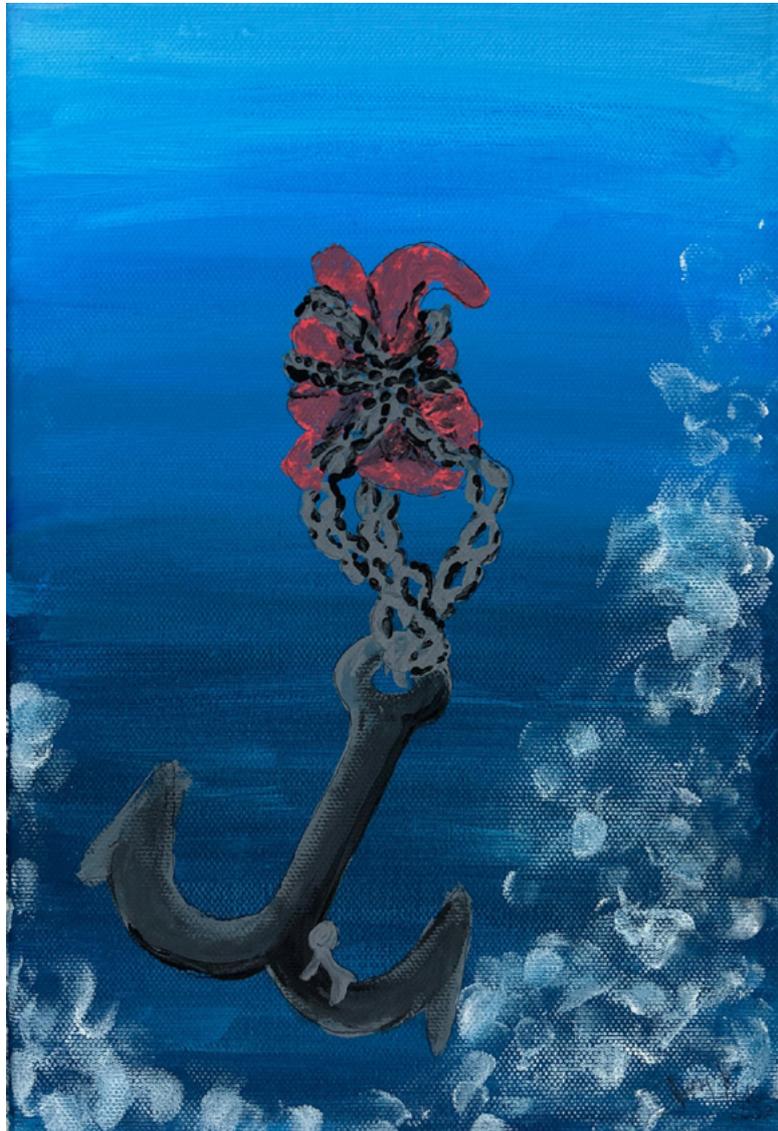
CONTOS ELAM 3

5

5

CONTOS ELAM 3

Yuri Mag



Naufração (depressão / síndrome de takotsubo)

Hoje, nesta praia, aproveitando uma bela água de coco com meus amigos, me acomodei em uma cadeira e comecei a olhar meu celular. Me deparei com uma foto, e ela foi o suficiente para me desmoronar. Uma foto, e me fez desistir de um ambiente e companhia agradável e corri para casa, pois não consegui segurar meus sentimentos, não consegui segurar meu ínfimo peito e meus olhos marejados.

Essa foto mostrou-me que meu amor não venceu e não vencerá, eu queria que vencesse, assim como o de vocês. Mas agora estou aqui estirado em minha cama, contornado por giz para posteriormente eu pôr uma etiqueta em meu pé. Já estou imaginando as notícias: jovem morre por motivo desconhecido. Mas ao ver o laudo, condiz com Takotsubo. Meu pequeno coração não aguentou aquela foto, muito menos ao que o amor dela postou. Apenas duas fotos foram o suficiente para eu chorar incansavelmente, até eu encharcar todo o meu travesseiro. Você nunca me demonstrou nada, jurando que era a pessoa tão fria que me dizia. E de fato era, mas somente comigo. Sabia que você tinha conflitos internos devido à ansiedade, cobrança e problemas familiares. Eu acolhi absolutamente tudo e chorei todas as tuas dores sempre quando estávamos juntos. Eu me esquecia para poder te ver bem. Você me esquecia para ficar bem.

Engraçado como é o amor. O quanto ele nos torna inconscientes de nós mesmos. O quanto ele nos machuca depois de nos entregarmos nus de bom grado. Eu te entreguei todo o meu amor, mas você achou mais que tudo isso neste teu atual amor. Não imagino como tu o encontrou nele, mesmo eu tendo me encontrado em você.

Estive em silêncio por muito tempo. Não escrevi sobre a aurora das manhãs que são rosas e gradativamente se tornam azuis marinhos assim como o oceano se torna mais ele. Não escrevi sobre a ternura da chuva com seu som e cheiro. Não escrevi sobre a mata que antes era um marrom morto vivo e depois se torna um verde Atlântico magnífico com apenas algumas gotas de chuva. Não escrevi sobre um pequeno arbusto o qual possuía três tipos diferentes de plantas convivendo harmonicamente entre si, e com uma visão mais próxima desta heterogeneidade pacífica, observa-se casas de aranhas construídas com perfeição, formigas trabalhando e cigarras cantando, tudo em perfeita sintonia como o

15o prelúdio de Chopin. Não dissertei. Não escrevi sobre as pequenas grandes coisas que admiro e comecei a odiar meus textos por estar cético e dilacerado pelo motivo de você ter priorizado outro amor. Deixei de me conhecer ao passar dos tempos.

Continuo. Sigo. Suturo. Corto. Perco. Improviso. Remendo. Realoco. Mas nada muda. Não consigo mais escrever. Não consigo mais sentir. Não consigo.....respirar...

Você esteve em silêncio por muito tempo. Não postou mais fotos com o amor de sua vida. Não escreveu mais sobre as belezas da cidade que você tanto ama. Não caminhou mais nos parques que você namorava com o teu amor. Não descrevia mais sobre os filmes e séries que amava conversar, pois associar a ficção com a realidade fazia com que a vida fosse um pouco mais leve e utópica. Não se divertia nas festas com os amigos que tanto fazia questão de estar presente em todas para aproveitar a vida ao máximo e sentir que estava vivo. Não estava mais presente na vida de ninguém. Depois de tanto tempo, 4 anos, descubro que você está em minha cidade, internada, por não ter conseguido lidar com seus demônios interiores. Mesmo depois de 4 anos, você perguntava de mim, não sei se por carência ou saudade ou simples resquícios da medicação que está usando.

Exausto de observar, caio-me neste travesseiro como âncora ao mar e minhas lágrimas escorrem e todo o seu conteúdo de amor, de carícia, de paixão, de afeto, de paixão, jorra sobre esta pequena nuvem, com coração desmontado. Bloqueio este aparelho e ponho-me a sonhar como seria se você tivesse me aceitado por inteiro. Amanhã espero que exista um novo dia.



Ivna Maria de Oliveira Moraes

No mês de setembro, perdi meu avô paterno. Foi um choque para a família inteira. A família do meu pai é de uma cidade do interior do Ceará chamada Milagres. Vovô era homem do sertão. Há uma piada em nossa família que diz "olha só o estrago causado por uma máquina de costura e uma bicicleta", pois essas eram os únicos bens de meus avós ao se casarem. E, com muito amor e trabalho duro, construíram um legado: 7 filhos, 18 netos e 6 bisnetos (e contando). Alguns filhos se mudaram para Fortaleza, ou melhor, para "a capital". Então, ao retornarmos para lá durante as férias, eu assumia minha nova identidade "Ivna, a mais nova de Crisanto, neta de Seu Lacordero", afinal, no interior a gente não é só a gente, carregamos a identidade da família. Com vovô aprendi tantas coisas, que não sei por onde começar. Ele ensinou quase todos os netos de Fortaleza a dirigir numa Saveiro antiga no meio do Povoado do Feijão, já que aqui não temos a tranquilidade de uma estradinha de terra batida que nem sinal pega. Vovô sempre gostou da casa cheia, ele e vovó vendiam leite na porta de casa, e sempre havia um cafezinho na mesa da cozinha com um bolo, esperando por quem quisesse entrar. Inclusive, nos seus últimos dias de vida, quando estava entubado no hospital, minha irmã, para o alegrar, disse "vô, não se preocupe, que tem bolo e tapioca lá na mesa da cozinha", e, ao ouvir isso, ele abriu um sorriso. Vovô era exemplo de serviço. Foi político dos bons, vereador de 1983 até 2003, vivia para ajudar o próximo, com a porta sempre aberta - literalmente e figurativamente. Além disso, o homem ainda tinha uma fé inabalável. Participou do ECC por mais de 20 anos, estava à frente do terço e sentava ao lado de sua amada na primeira fila todos os domingos sem falta na missa das 7h na Igreja de Nossa Senhora dos Milagres. Com as bênçãos de Deus, foram casados por 63 anos. Ir à Milagres era sempre uma festa. Não cabíamos todos na casa do vovô (apelidada de "casa da

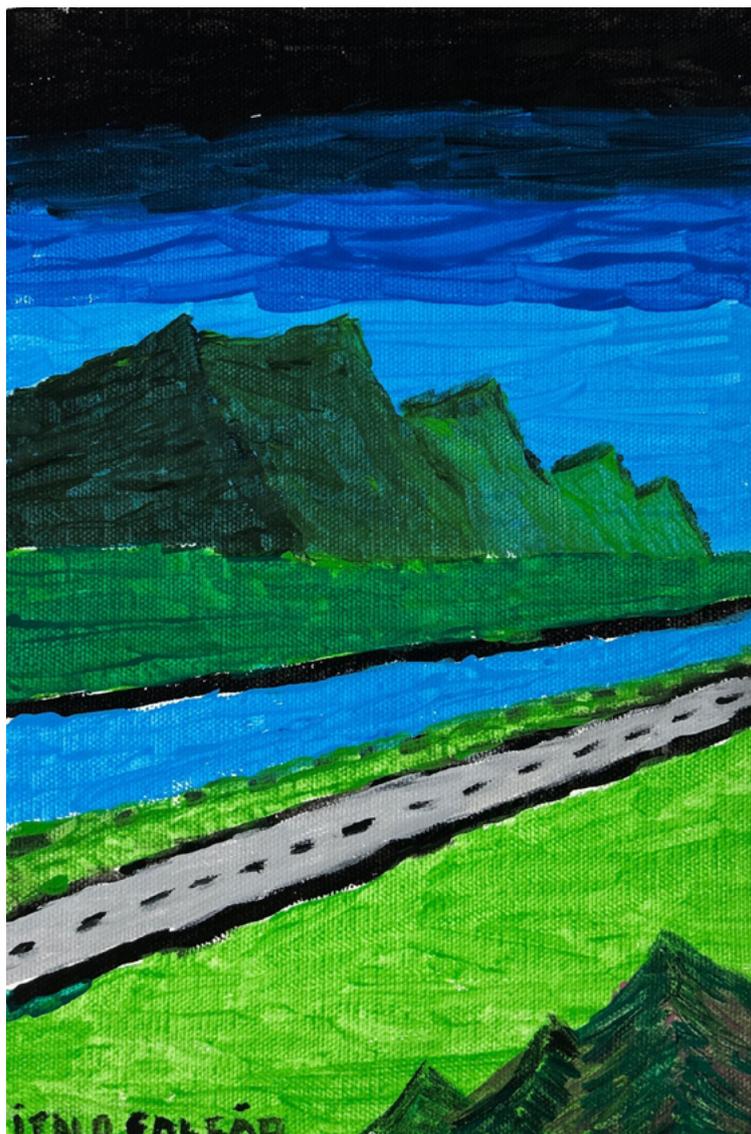
rua"), então ele tratou logo de comprar. A medicina é um curso puxado, temos sim que abdicar de diversas coisas ao longo dos anos. Entretanto, uma vez ouvi uma analogia que dizia que a vida é como se estivéssemos levando um copo d'água de um ponto a outro. Podemos ir 100% focados em não derramar nenhuma gota ao longo do caminho, mas, ao chegarmos no final, nos daremos conta de quanta coisa perdemos. Em contraponto, se formos descuidados com o copo, prestando atenção apenas nos arredores, chegaremos sem água. Portanto, sigo vivendo meu luto, procurando dar mais atenção às pessoas ao meu redor, para que minha vida não seja infértil.

Ele se foi. E como dói. O mundo ao meu redor parece girar mais rápido, ao mesmo tempo que o sangue dentro de mim parece parar. Minhas entranhas se contorcem com a dor de sua partida. Eu era dele, e ele era meu. Não mais. Imaginar um mundo sem ele é impossível. A hipótese de não ouvir mais sua voz parece insuportável. Então, o vazio no meu peito é substituído por uma dor indescritível. Achei que ele tivesse meu coração, até que me dei conta. Essa dor era meu coração. E estava se desfazendo. Rasgando em mil pedaço. Eu queria gritar por ajuda, mas há um nó em minha garganta. Quanto mais puxo ar, mais ele me falta. Então percebo: estou morrendo. Morrendo de coração partido.

P.S. perdi meu avô recentemente. Passei por um luto bem pesado e foi curioso que, durante esse processo, achei inspiração para conto do ELAM. Coloquei em palavras a dor da perda.



Italo Lima Da Costa Falcão



A estrada

Na vastidão do interior de Mato Grosso do Sul, Sara dirigia pela estrada, seu coração carregado de tristeza após o enterro de seu pai em Corumbá. A estrada sinuosa parecia se estender infinitamente à sua frente, uma curva após outra, enquanto ela tentava encontrar consolo na paisagem que passava. Sempre amou o Pantanal, carrega boas lembranças de pescar com seu pai, adorava encontrar peixes das mais variadas espécies e a sensação de devolvê-los ao rio depois de tê-los em suas mãos. Ela sempre gostou de visitar seu pai em sua fazenda no interior, mas essa última viagem teve um gosto amargo. O céu começou a escurecer à

medida que o sol se punha, e ela continuou sua jornada solitária de volta para a capital.

De repente, um obstáculo inesperado surgiu. A temporada de chuvas começou, o que faz com que muitos animais emigrem de região, um animal atravessou a estrada, fazendo com que Sara perdesse o controle do carro, que saiu da pista rapidamente, fazendo com que ela ficasse presa nas engrenagens retorcidas do veículo. Atordoada e machucada, ela tentou se libertar, mas estava presa demais.

O tempo passou, o entardecer se tornou noite, quando percebeu, estava suando e suas mãos tremendo, o desespero começou a surgir em seu coração. Foi então que um motorista apareceu. Um homem estacionou seu carro no acostamento e veio ao seu encontro, não podia vê-lo, mas escutava seus passos se aproximando. Ele se aproximou do carro acidentado e começou a ajudá-la, oferecendo-lhe palavras de conforto enquanto tentava liberá-la. Sara, desorientada e emocionalmente vulnerável por toda a situação em que se encontrava, começou a conversar com ele, buscando refúgio em sua presença solidária.

À medida que a noite avançava, Sara e o motorista passaram horas conversando. Ela compartilhou suas memórias, seus medos e seu sentimento de perda. Explicou de onde estava vindo, do enterro de seu pai, falou o quanto eram próximos e a falta que faria em sua vida. Ele ouvia com empatia, oferecendo-lhe apoio silencioso. A conversa fluiu naturalmente, como se eles se conhecessem há anos, e Sara começou a se sentir mais leve, como se o peso de sua tristeza estivesse sendo compartilhado, o peso do luto não estava apenas em seus ombros, ao expor esse sentimento, uma onda de alívio a atingia.

Quando o primeiro raio de sol cruzou o horizonte, Sara olhou ao seu redor, esperando ver o rosto do motorista iluminado pela luz da manhã. No entanto, o que viu a surpreendeu. O banco do passageiro estava

vazio. Não havia ninguém lá. O motorista que a havia ajudado durante toda a noite simplesmente não existia.

Nesse momento, a verdade a atingiu como um raio. Lembrando-se dos remédios que deveria estar tomando para seus problemas psiquiátricos, Sara percebeu que havia parado com o tratamento por um tempo, desde que foi acompanhar o seu pai no hospital nas últimas semanas. Foi um tempo muito difícil, que exigiu muito dela fisicamente e mentalmente, foram longas noites o acompanhando em seu leito no hospital, ela acabou por esquecer de tomar sua medicação. A visão do motorista e toda a situação do seu auxílio não passou de uma criação de sua própria mente.

No entanto, ao invés de sentir medo ou desespero, Sara sentiu uma calma estranha. Ela sabia que o motorista era uma projeção de sua mente, mas também acreditava que era mais do que isso. Era a versão mais jovem de seu pai, tentando uma última vez ajudá-la a encontrar forças para enfrentar a perda dele.

Com lágrimas em seus olhos, Sara agradeceu ao vento por ter trazido consigo a lembrança de seu pai. Apesar de ter sido uma ilusão, ela prometeu a se mesma que essa experiência irá ajudá-la a aceitar a morte dele e a encontrar a força para seguir em frente. Prometeu a si mesma que voltaria a tomar seus medicamentos, sabendo que, mesmo que seu pai não estivesse mais fisicamente presente, ele sempre estaria lá para guiá-la, mesmo que fosse apenas em sua memória.

Assim como a estrada solitária, Sara começou a refletir sobre sua vida, com muitas curvas e adversidades, a nossa vida é assim, com situações inusitadas, que nos são impostas, e temos que cruzá-las, até mesmo trilhando caminhos que não são esperados, como a nossa mente.



Marcelo Milton De Paula Lima



A Máscara

Dia 02 de janeiro de 1921, agora, formado como médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, consigo ter uma visão ampla sobre esses 2 anos intensos de internato que se apresentou uma pandemia como plano de fundo, apesar dos pistões, dirigíveis, automóveis com os seus motores de ultra pressão e toda ciência positivista proporcionada pela vida moderna, a estrutura mundial foi afetada. Cenário incomparável com a peste que se fez prevalente no passado, essa dita gripe "espanhola" parou rivalidades que poderiam gerar uma guerra entre alemães e ingleses por ideias estranhas. Até o nome dessa doença é algo difícil

de se definir, pois não se sabe a origem real até o momento, se é Império Otomano, China, Estados Unidos, etc. A única característica fechada é que as primeiras notícias foram na região espanhola e por esse motivo que se convencionou a chamar de "a espanhola". Mesmo depois de 2 anos, ainda não se tem a dimensão de tudo o que aconteceu, talvez nunca se tenha, pois cada um experimentou a doença de formas e vieses diferentes.

Nesse sentido, necessitamos voltar exatos 2 anos e 3 meses, período que iniciei o meu internato. Animado com a emoção de ir para prática da minha profissão, acabei por ignorar o que estava acontecendo no mundo, os radialistas falam de um tipo de gripe que estaria se espalhando por toda a Europa, algo semelhante a uma doença que havia se disseminado há uns anos atrás, porém, não se instalou da mesma maneira que veríamos na sociedade brasileira. Conversei muito com os meus pares sobre a temática com um tom cômico, inclusive quando recebi o telefonema do meu professor de infectologia que afirmava que viriam tempos difíceis pela frente e mudariam as nossas vidas, mesmo com toda a tecnologia das máquinas a vapor de alta pressão que movem a nossa rotina, desde o cafezinho da manhã até o maior zepelim que está no céu.

No início do estágio obrigatório, veio o primeiro lockdown, pegando muitas pessoas de surpresa, pois não se esperava uma medida tão enérgica como essa, primeira de muitas atitudes que ocorreram devido ao uso da ciência como ferramenta política, fato esse que não convém a se discutir agora. Fizemos um balanço inicial dos equipamentos e de insumos básicos para se trabalhar com infecções de vias aéreas e atualizações sobre como reconhecer sinais de alerta do doente para "a espanhola" nos autômatos que realizavam já medidas de triagem dos pacientes, visando manter todas as taxas de qualidade no atendimento. Após o término da minha semana de plantão, acabei furando o bloqueio

imposto pelo estado em que moro com a minha moto, recém-comprada na época, Pritchard X50 e seu motor potente de 300hp, para encontrar com um grande amigo que sempre me entrega ótimos conselhos em todas as áreas da vida.

Ao chegar em sua residência, deparo-me com verdadeiro arsenal para infecções respiratórias no hall de entrada, como um arco de descontaminação com uso de álcool e luz ultravioleta, além das máscaras de proteção das vias aéreas que são essenciais nesse contexto. Logo após o novo rito de passagem, cumprimento o meu amigo em uma distância diferente da normal. Ele afirma que ficou assombrado com tudo que poderia acontecer e, apesar de toda expertise de nossa sociedade em fazer inúmeras traquitanas com engrenagens que possibilitam viagens de Fortaleza a Porto Alegre em velocidades absurdas ou mesmo mandar o homem para Marte, apresentamos um efeito de massa de manobra política que prejudica a tomada de toda decisão, como a simples higiene das mãos com álcool 70%, em um contexto da maior pandemia do século 20 na opinião desse meu amigo que na época já era um médico respeitado.

Passados 6 meses e protocolos diferentes e ineficazes para conter a disseminação, necessito mudar de serviço para seguir os requisitos do curso de forma adequada e sou escalado em uma das equipes de linha de frente à moléstia, com a supervisão do Dr. Carlos Chagas. Em determinado dia nesse novo setor, percebo um desconforto com as máscaras que estavam sendo utilizadas por todos os profissionais durante o contato com os pacientes, anoto em meu caderno o seguinte questionamento: "Será que estamos protegidos?" e, novamente, corro em meu período de descanso para encontrar o meu conselheiro, com o intuito de pensar em algum mecanismo que consiga resolver esse gargalo que poderia estar levando os profissionais de saúde a estarem se contaminando mesmo com os equipamentos de proteção teoricamente eficazes e muito esforços para se proteger.

Ao chegar na casa do amigo/conselheiro, após uma discussão extensa e grandes buscas nas literaturas internacionais, chegamos a um denominador comum, o formato da máscara é inadequado ao uso correto do dispositivo quando inserido em protocolo geral para todos os profissionais de saúde, pois os não habituados acabam se permitindo contaminar e nos momentos de reunião, os profissionais contaminados assintomáticos disseminam entre os outros sadios. Assim, iniciamos o redesenho de uma máscara de proteção que pudesse ser um equipamento único. O primeiro fator considerado foi o de ser algo ajustável, porém sem perder a eficácia. Posteriormente, considerou também a ideia de algo que ajudasse a visão do profissional, pois a máscara tradicional atrapalha de maneira constante o uso, e como último ponto, a facilidade de manutenção do próprio equipamento, já que o mesmo precisa ser conveniente para o profissional na higienização do dispositivo.

Após 2 meses e muitos aprendizados, montamos um design minimamente adequado ao nosso projeto, que apresenta uma proteção da altura da glabella até o queixo do profissional, com ajuste ocular manual para evitar o uso de óculos adicionalmente e um filtro nasal bem espaçado para possibilitar também a refrigeração do ambiente interno. Com o primeiro protótipo em mãos, apresentei ao chefe do meu setor com a intenção de realizar um teste de caso-controle com a equipe da unidade. Relutante da eficácia do equipamento por lembrar o utilizado durante a peste bubônica, permitiu o início do teste com a máscara em dois setores de um hospital carioca, com a ala A de 20 profissionais utilizando o novo modelo e a ala B de 20 profissionais utilizando a máscara tradicional.

Passados os primeiros 30 dias do novo equipamento, começaram a diminuir as críticas direcionadas ao seu formato que, apesar de feio, estava se mostrando eficaz, com menos profissionais contaminados no mesmo período de tempo. A situação complexa foi uma denúncia de

ilegalidade à associação médica local de tal teste, pois consideraram que não houve uma explicação experimental adequada ao propósito final. Assim, fui chamado para depor com o meu parceiro de trabalho sobre o risco de não receber o registro após formado e perder o seu direito de exercer a profissão, respectivamente. No dia solicitado, chegamos no carro movido a vapor do meu amigo para demonstrar unidade, e, ao entrar na sala da audiência, fomos recebidos por uma banca de 5 médicos renomados em suas áreas de atuação, que, apesar do risco de contaminação, necessitavam estar presencialmente.

A audiência se iniciou com a apresentação completa da denúncia e seus nuances técnicos, logo após, o responsável titular inicia a entrevista, perguntando-me como me autodeclarava e afirmei que era inocente dessas acusações impostas, pois existiu um estudo prévio da eficácia dos processos e a construção do protótipo apresenta metodologia baseada nos processos fabris existentes nas fábricas de energia e motores. Nesse contexto, uma segunda pessoa da banca iniciou as perguntas ao meu amigo:

- Como você se declara?
- Culpado - responde meu colega
- Por que se declara assim?
- Pois todas as acusações são verdadeiras
- Então o seu colega está mentindo? - pergunta o entrevistado incrédulo da primeira resposta
- Também não
- Doutor, eu posso suspender o seu registro agora se você continuar com essa brincadeira de mal gosto, peço-lhe que me fale a realidade, pois as suas respostas não conferem entre si e com a fala de seu colega
- Caro titular da bancada, a acusação por conta própria cai por

terra, pois os tópicos que foram abordados não são mentirosos, porém, míopes, já que apresentam somente uma parte de toda a história de desenvolvimento do produto, que contou com apoio de vários trabalhos prévios para manutenção da segurança, mesmo o meu colega e a minha pessoa como norteadores do trabalho. Por isso, declarei-me culpado, contudo, meu parceiro de projeto fez uma explicação mais ampla sobre a temática, comprovando a realidade plena dos fatos.

- Compreendo a sua resposta

Após mais algumas perguntas, a banca avaliadora realizou um intervalo de 30 minutos para fechar o veredicto final sobre a temática e possível punição, que passaram voando devido à ansiedade com o desfecho da situação:

- Após análise criteriosa de todos os pontos e argumentos, chegamos que a denúncia é infundada, pois não apresenta fatores que justifiquem a exposição inadequada de profissionais a riscos desnecessários. Assim, ordeno que se archive tal processo. - Afirmou o titular da banca avaliadora.

Após 5 meses da audiência de análise, finalizamos a pesquisa e iniciou-se o processo de produção de dispositivos de proteção individual (DIPI) com apoio da maior fabricante de zepelins do mercado para ser distribuído entre os profissionais que trabalham em hospitais de campanha atendendo somente "a Espanhola", como forma de proteger o indivíduo fisicamente, pois evitará a doença, e psicologicamente, já que o mesmo ficará mais tranquilo em atender o paciente com esse novo equipamento que foi desenvolvido e testado na hora mais crítica da pandemia.

Portanto, encerro esse meu relato sobre o internato que, apesar de não ter rodado por todas as áreas que desejava, sinto que consegui participar dos dois "fronts" de combate à situação pandêmica: O setor de

atenção ao doente, salvando quando pude salvar, confortando quando pude confortar e estando presente quando eu necessitei estar, e o setor da pesquisa científica, que, apesar de todo avanço da nossa sociedade, sempre necessita de mais desenvolvimento e, além disso, tenho a sensação que pude permitir a volta de alguns colegas para serem família para suas famílias também e não somente para os outros por quem lutam em todos os momentos de sua jornada na saúde.



Lucas Neves



A ajuda vem do céu

O mundo nunca havia presenciado uma catástrofe tão grande em tão pouco tempo. Uma doença desconhecida e muito grave havia se espalhado rapidamente pelas cidades, acometendo crianças, jovens e idosos. Era uma ameaça global que testava os limites da medicina e da humanidade.

As pessoas estavam desesperadas, pois não sabiam a origem, nem as formas de contágio dessa doença misteriosa e destruidora, que avançava rapidamente pelo mundo, causando muito medo. Não importava quem você era, onde vivia ou qual a sua situação econômica - todos estavam vulneráveis. As pessoas adoeciam rapidamente, perdendo a capacidade de respirar, seus pulmões se enchiam de fluido e as células de seus corpos se degradavam. As pessoas nomearam esse momento de "A grande peste".

Os hospitais estavam lotados, os médicos e os enfermeiros estavam

exaustos, e as cidades estavam se transformando em cemitérios a céu aberto. Não havia cura, não havia tratamento eficaz, e o desespero se espalhava mais rápido do que o próprio vírus.

Dra. Melissa, uma epidemiologista respeitada, trabalhava incansavelmente para encontrar respostas. Com sua equipe de pesquisa, ela analisava dados, testava tratamentos, e até tentou descobrir a origem do vírus, mas tudo era em vão. A doença parecia se originar do nada, e sua taxa de mortalidade era assustadora.

Enquanto o mundo mergulhava no caos, os governos, cientistas e médicos estavam desesperados por uma solução. Não era apenas uma questão de saúde, mas também uma questão de sobrevivência da humanidade. A economia global estava à beira do colapso, a ordem social estava se desfazendo, e o pânico estava prestes a tomar conta de todos.

Durante uma noite de insônia, Dra. Melissa, que morava muito perto do hospital onde trabalhava, resolveu ir à varanda de seu apartamento e ficou a olhar para o hospital, tentando entender melhor a situação. Nesse momento, ela viu um objeto voador não identificado cruzar o céu da cidade e parar por alguns segundos sobre o hospital da cidade. Dra. Melissa achou estranho, mas voltou para seu quarto e conseguiu dormir.

Na noite seguinte, Dra. Melissa presenciou a mesma situação, mas, dessa vez, observou que o objeto voador não identificado estava mais próximo e ficou por mais tempo sobrevoando em torno do hospital. Esse fato se repetiu pelos dias seguintes, até que a Dra. Melissa resolveu subir ao terraço do hospital e tentar contato com o objeto voador não identificado.

Ao acenar para o alto, o objeto voador não identificado pousou no terraço do hospital, momento em que a porta, do que parecia ser uma nave espacial, abriu-se, e saíram extraterrestres. Ao saírem da nave, as

extraterrestres, que se chamavam Dra. Raquel e Dra. Dulce, apresentaram-se e disseram que queriam ajudar a encontrar a cura, pois elas detinham um conhecimento médico avançado, por serem médicas extraterrestres.

Na mesma hora, a Dra. Melissa convocou sua equipe médica para tentar explicar a situação e passar todo o conhecimento que sabiam sobre a doença.

Enquanto isso, a situação nas cidades piorava a cada dia. A doença se espalhava incontrolavelmente, e a sociedade estava à beira do colapso. O medo e a desconfiança se espalhavam tão rapidamente quanto o vírus. As pessoas começaram a culpar as minorias, os governos, os cientistas, e até mesmo a religião.

A ONU convocou uma reunião de emergência, onde líderes de todo o mundo tentaram juntar esforços e encontrar soluções. Os países fecharam suas fronteiras, e os sistemas de saúde estavam sobrecarregados. Ninguém sabia o que fazer.

Enquanto isso, a Dra. Melissa, sua equipe e as médicas extraterrestres seguiram com suas pesquisas. Durante várias noites, eles observaram o céu noturno, registrando eventos celestiais e a disseminação da pandemia. Foi uma tarefa demorada, mas o que eles encontraram foi essencial para proporcionar o desenvolvimento da cura e a salvação da humanidade.

Eles descobriram uma correlação surpreendente entre a pandemia e a atividade estelar. Parecia haver um padrão na propagação da doença em relação aos eventos celestiais. Eles perceberam que havia uma correlação entre as estrelas cadentes e a disseminação da doença. A cada evento astronômico, a pandemia se espalhava mais rapidamente.

Após as descobertas, as médicas extraterrestres compartilharam que tinham uma maneira de controlar esses eventos celestiais, pois tinham

uma tecnologia que podia neutralizar seus efeitos.

As extraterrestres concordaram em compartilhar essa tecnologia com a humanidade, mas sob uma condição: a Terra deveria mudar sua abordagem em relação à exploração do espaço e ao uso de recursos naturais. Elas pediram que a humanidade se comprometesse a preservar o planeta e a buscar a paz global. Os líderes mundiais concordaram, reconhecendo que não tinham outra escolha.

A tecnologia das extraterrestres foi distribuída pelo mundo, e, à medida que as estrelas cadentes voltaram a riscar o céu noturno, a pandemia começou a recuar. As pessoas se curavam, e a esperança voltava a brilhar. A humanidade havia sido salva por seres de outro mundo.

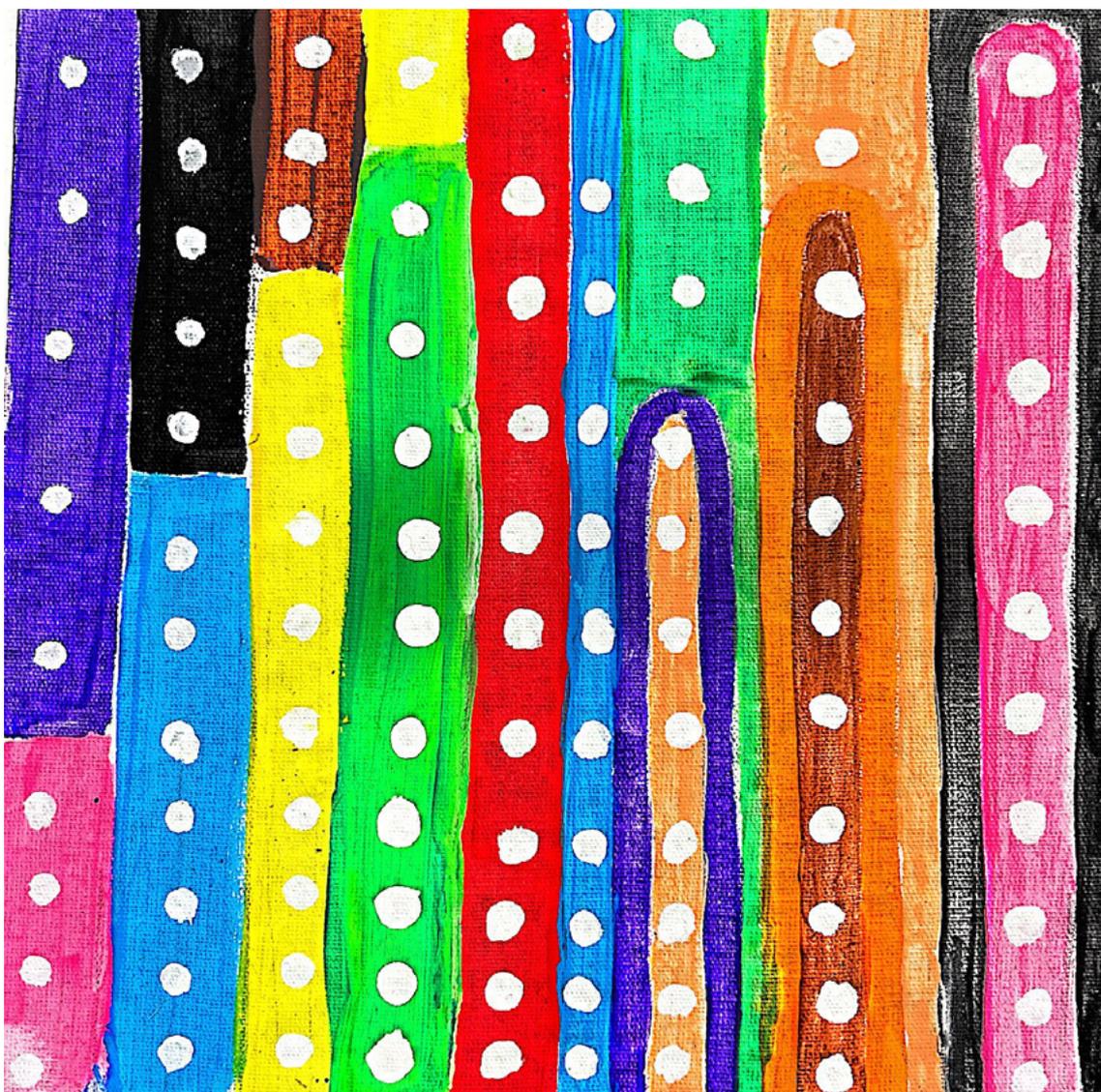
O mundo começou a se recuperar. As pessoas se uniram para reconstruir o que havia sido perdido. A lição que aprenderam com as extraterrestres era clara: a Terra era um tesouro que precisava ser protegido, e a busca pela paz e pela cooperação global era essencial para garantir sua sobrevivência.

Dra. Melissa continuou a trabalhar na pesquisa médica, determinada a entender completamente a pandemia e garantir que a humanidade estivesse preparada para enfrentar qualquer ameaça futura.

À medida que a Terra se curava, as estrelas continuaram a brilhar no céu noturno, lembrando a todos que, embora a humanidade pudesse ser frágil, a força da vontade humana e a ajuda de seres de outros mundos podiam superar qualquer desafio. Era uma nova era para a humanidade, uma era de compreensão, cooperação e esperança, e um lembrete constante de que o universo ainda guardava muitos mistérios a serem desvendados.



Lays Araujo



Informar e educar para salvar

Na cidade de Floresça, era possível encontrar habitantes de diversas faixas etárias convivendo em harmonia e tranquilidade. Havia generosidade, educação e, acima de tudo, respeito entre os moradores. Esse clima pacífico e sereno foi abalado com o início das campanhas para as eleições municipais.

O candidato da oposição se chamava Tônico, tinha sessenta anos de idade, era casado e tinha dois filhos. Sua aparência e compleição física eram as de um sujeito relaxado e sedentário. A obesidade, o seu cabelo desalinhado e a sua arcada dentária em péssimo estado de conserva-

ção evidenciavam o descaso do candidato com a sua saúde. Apresentava como comorbidades os diagnósticos de Diabetes Mellitus Tipo 2 e Hipertensão Arterial Sistêmica. A sua personalidade era conhecida pelos traços extremos de conservadorismo, radicalismo e ausência de escrúpulos. Ele jamais morou em Floresça, era natural de uma cidade próxima, onde também apresentava comportamentos e discursos polêmicos.

Buscando popularidade na cidade, Tónico visitava diversos bairros e hospitais, conversando, respectivamente, com populares e com profissionais da saúde. Na sua última visita a um dos hospitais da cidade, o Doutor Caio, um médico bastante conceituado e ético, que morava e trabalhava na cidade estava ciente de discursos negacionistas propagados pelo então candidato acerca da vacinação para a população. Indignado com a atitude desmotivadora do candidato Tónico, perante alguns populares, fez o seguinte questionamento:

— Candidato Tónico, o Senhor não percebe o mal e o prejuízo que causa à saúde da população quando os incentiva a não se vacinarem?

Tónico pela primeira vez se sentiu intimidado. Ele encarou o Doutor Caio com um olhar sério e de fúria. Anteriormente, havia percebido que a população de Florença era tão educada e formal que não ousava contestá-lo ou criticá-lo de forma direta e conflituosa. O então candidato retrucou o médico de forma vil e ofensiva.

— Você é um médico canalha e incompetente que quer aplicar vacina em todo mundo: crianças, jovens e idosos e isso causa efeitos colaterais e doenças na população. Deus nos deu a nossa imunidade natural e para cada doença temos um tipo de remédio que cura.

— O Senhor deveria ter consciência do dano que pode causar à saúde das pessoas ao desencorajar a vacinação. — Rebateu Doutor Caio.

— Sou a favor da liberdade dos meus eleitores. Eles escolhem o que

querem fazer ou deixar de fazer. Essa história de vacina é coisa de gente fresca e canalha que quer manipular o povo.

Tonico estava revoltado com a postura do médico e continuou os insultos contra o Doutor Caio.

— Vocês e seus colegas médicos querem colocar um chip em meus eleitores para que eles sejam dominados por vocês, mas eu não vou deixar isso acontecer. Quando eu for Prefeito, irei demitir e expulsar da cidade todos aqueles que defenderem a ideia de vacinação para a população.

Doutor Caio desistiu de tentar dialogar civilizadamente. Porém, fez questão de esclarecer o seguinte:

As vacinas são frutos de estudos científicos éticos e são a melhor forma de eliminar doenças, bem como de reprimir a propagação de microrganismos letais à saúde. Informações falsas disseminam o medo e potenciais mortes. As pessoas que acreditam no seu negacionismo são vítimas da desinformação. Propagar fake news é crime e o Senhor deveria ser punido.

Desnortado e sem argumentos, Tonico abandonou a conversa e saiu ameaçando Doutor Caio:

— Você será o primeiro médico a ser demitido quando eu for eleito Prefeito. Aguarde, viu? A próxima vez que nos vermos será para eu informar pessoalmente a sua demissão.

Não vislumbrando o mínimo de sanidade mental e emocional no comportamento de Tonico, Doutor Caio apenas balançou a cabeça negativamente e, internamente, abalado lamentou aquela situação.

Duas semanas antes das votações para a eleição do novo Prefeito Municipal, Tonico apresentou um quadro de pneumonia necessitando ser internado. Apesar da qualidade do tratamento e da assistência que estava recebendo, evoluiu com piora progressiva. O Doutor Caio foi um

dos médicos plantonistas que buscava o melhor tratamento para Tônico. Em um de seus plantões noturnos, decidiu investigar mais profundamente qual a razão da ausência de melhora e descobriu que o cartão de vacinação de Tônico estava desatualizado desde a sua infância.

Movido pelo dever ético e moral de sua profissão, Doutor Caio novamente educou o paciente acerca da efetividade e eficiência das vacinas na contenção de doenças. Alertou para a necessidade de atualização do calendário vacinal de Tônico, uma vez que as vacinas podem não ser infalíveis, mas previnem formas graves de doenças, como por exemplo, a pneumonia que acometia Tônico.

Tônico ficou bastante reflexivo e consciente em relação aos benefícios e a segurança da vacinação para a sua saúde. Pediu ao Doutor Caio para que ele o salvasse, pois desejava realizar mudanças em sua vida, uma delas seria realizar suas vacinas conforme orientação médica e de acordo com sua faixa etária.

Doutor Caio acompanhou de perto e com bastante comprometimento a evolução do tratamento de Tônico, que felizmente, após um mês de internação, recebeu sua alta hospitalar.

Apesar de não ganhar as eleições por estar afastado devido à sua condição de saúde durante as votações, Tônico ganhou saúde e informação. Doutor Caio foi eleito por ele como o médico particular que o orientaria e o ajudaria em todas as decisões relacionadas ao seu tratamento e às modificações em seu estilo de vida para que desfrutasse e aproveitasse melhor a vida com saúde.



Joao Benati



PI... PI... PI

Os sons dos aparelhos de monitoramento dos leitos de UTI já não se diferenciavam de mais nenhum outro som. César havia acabado de iniciar seu plantão e estava em estado de transe até um enfermeiro lhe indagar: "Linda vitória do Cruzeiro ontem, hein, chefe?" Ele educadamente consentiu com a cabeça, mas nem sequer tinha escutado o que havia sido dito.

A cabeça dele estava em outro mundo, imersa em situações que não paravam de pairar sua mente... ele passara a sentir asco do que estava vivendo, tinha vergonha em admitir que muitos dos pensamentos que

ele possuía e criticava, ainda como estudante de Medicina, tinham se concretizado. Lembrava da saída de sua primeira cirurgia como interno na qual escutou um médico dizer que adorava emendar plantões e ele julgava: "um cara desses mergulha do trabalho para fugir de algo... isso é vida?" – olhando para si agora, se via a 24h sem pisar em casa e iniciando outro plantão devido a uma briga feia que teve com a esposa. Não sabia o que pensar, sabia que tinha errado com ela e estava literalmente se afundando em trabalho para escapar dessa obrigação.

Lembrou, também, de seus encontros de discussão clínica com alguns dos 'figurões' da clínica médica que não só achavam que eram Deus, mas tinham certeza... César dizia detestar isso, queria ser um ponto fora da curva. Anos depois, após se gabar por ter obtido 1ª colocação na melhor residência de Terapia Intensiva do País, não enxergava o próprio umbigo e estava deteriorando seu casamento devido a um narcisismo patológico e principalmente por nunca ter se perdoado por deixar passar um diagnóstico que levou seu primeiro filho, o qual representava também um amigo e âncora para César, Dante, tendo falecido em complicação de uma GNPE, aos 9 anos de idade.

Logo ele, que se sentia tão bom, tão responsável por curar as pessoas, tinha deixado passar um erro que custou a vida de seu maior amor; esse episódio transformou a medicina em amarras para César.

"Senhor, vamos passar os casos agora, ok?" - Mais uma vez ele fora interrompido de seus pensamentos.

— Ok - pestanejou ele com a voz que uma vez fora doce, mas que agora só continha amargor.

Junto à enfermeira, levantou de sua cadeira e foi caminhando em direção aos leitos, estava com a mente tão pesada e cansada da rotina que a cada passo que dava sentia que sua cabeça ia explodir.

"Dr, esse leito um aqui está a Dona Maria, costureira, proce...."

"Ora, enfermeira Antônia, vamos ao que interessa, chame-a de leito 1 e descomplique minha vida" - disse César.

— Ok, senhor - disse Antônia, com voz mansa e acuada. — Essa do leito 1 tem uma pneumonia provavelmente por broncoaspiração, já que é portadora de Mal de Parkinson a 19 anos.

Então Antônia, um pouco mais confiante, passou a declamar da maneira mais objetiva possível os casos de cada um dos leitos.

Quando ela estava indo para o sétimo e último leito de responsabilidade do Dr. César, ele a interrompeu novamente, esfregando as mãos em seus rostos e colocando-a no cabelo.

"Escute, cheguei agora do Hospital CF e vim de um plantão de 24h, peguei mais esse aqui e se for para aguentar esse seu nhengo-nhengo vou precisar de muito café.... Mandou aqueles internos folgados trazerem o pó para o serviço?"

"Sim, Doutor, os internos desse mês são maravilhosos, colocaram um estoque de café na copa, assim que passar esse caso do leito 7 vou lá fazer para o senhor."

César, em tom de deboche, disse: "Minha filha, conduza logo o caso aí, eu vou fazer meu café."

Pi Pi Pi PI

Continuou o doutor:

"E abaixe esse monitor, não aguento mais barulho alto nesse ambiente."

Quando chegou à copa, se deparou com seu amigo já com a água para ferver, era o Dr. Mário, médico psiquiatra que, por ser viciado em jogo, estava sempre endividado e pegava plantões na UTI para pagar as quantias que perdia no Cassino.

César e Mário eram da mesma turma da faculdade e grandes amigos, passaram por quase todas as fases juntos: festas de faculdade, rodízios do internato, ingresso na residência, casamento. Mais recentemente, Mário tinha se divorciado e César sentia que continuaria vivendo as fases junto dele.

"E aí, meu irmão? Como estão as coisas com a Ângela?"

"Mário, cara, eu não sei em que ponto a vida descarrilhou tanto assim, as coisas lá em casa estão terríveis, nos escondemos dentro do apartamento, não dividimos uma refeição e... para piorar, ontem fez 6 meses da morte do Dante."

"Eu lembrei, mas não quis te ligar porque imaginei que estaria de plantão."

"Quando foi a última vez que fui à praia, cara? Nem me lembro onde estão minhas pranchas, acho que na casa do Iguape... – César sempre mudava de assunto quando Dante entrava na pauta, para ele sempre havia sido muito fácil devanear sobre a vida, fazia isso desde que se entendia por gente, sentia-se bem ao pensar nisso. Ou pelo menos achava que se sentia, achava que tinha controle da vida."

"Você precisa de uma redenção, César. O que aconteceu com você, meu amigo? Uma das melhores mentalidades da nossa faculdade, vivendo e acabando com sua vida dessa maneira. Sempre foi o queridinho de todo mundo e agora não passo dois dias sem ouvir algum xingo da sua equipe no corredor. - Disse Mário, com medo, ansioso. Estava guardando essa fala a pelo menos 3 meses, pois achava que era uma fase do luto de seu camarada, mas tudo aquilo estava passando dos limites. Já sabia que o casamento de seu amigo estava em frangalhos, que Ângela estava arrumando as malas para passar um tempo na casa de sua mãe. Queria ajudar seu amigo com tanta força que tinha passado a última noite toda em claro recordando momentos ao lado de César."

"Nem sempre as coisas saem como queremos, Mário, não vê você? Achávamos que íamos mudar a medicina e a maneira como aqueles que chamávamos de dinossauros do curso viviam e no fim... nós que mudamos. Isso é terrível. Desde que perdi o Dante, não consegui mais funcionar em nenhuma área."

César nesse momento estava apático, quase que colérico, lembrando de um fim de tarde em que ele, Ângela e Dante foram à praia junto de Mário e sua esposa. Aquilo nunca voltaria a ocorrer.

Quando Mário levantou os braços pensando em realizar outra investida em relação a César, em comentar algo que julgasse necessário, César se levantou e disse:

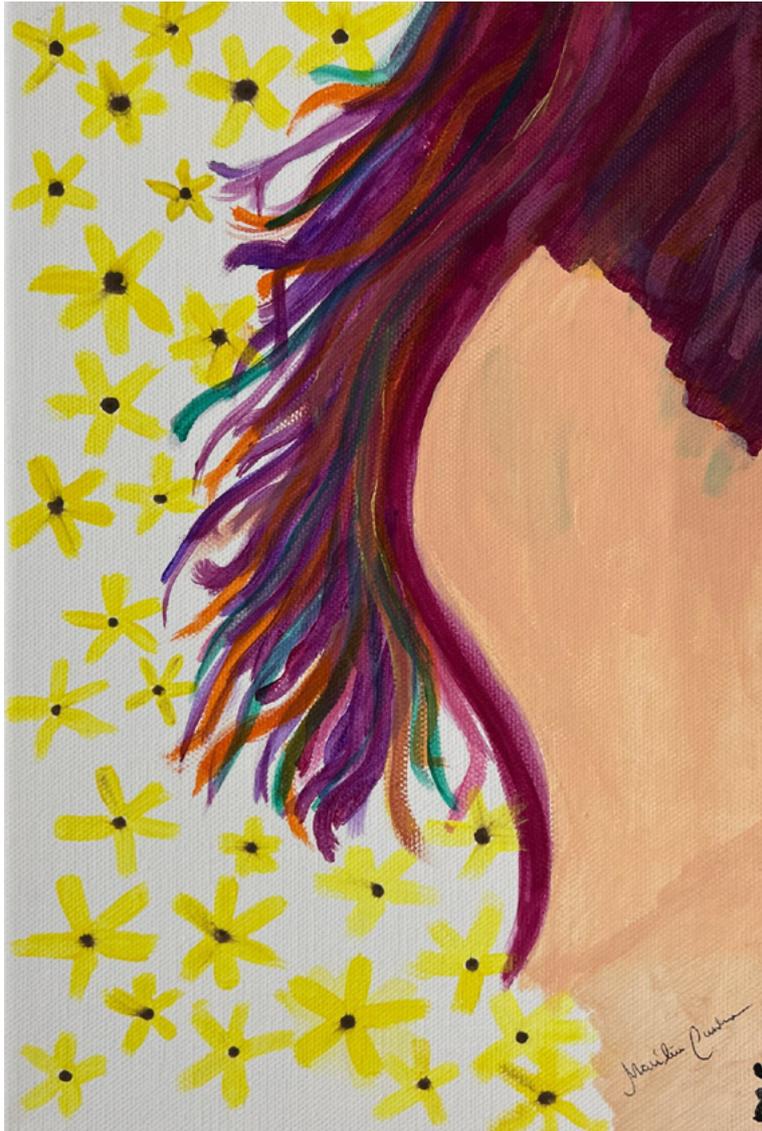
"Espero que ache essa redenção, meu amigo, quero voltar a ser alguém melhor, quero voltar a amar." Então serviu-se de um copo generoso do café que tinha acabado de ser passado e virou-se calmamente em direção à UTI. Estava extremamente cansado, porém com uma energia um pouco diferente, sabia o quanto o diálogo com Mário lhe era benéfico e estava decidido a iniciar análise com um psicanalista que outrora havia sido seu vizinho nos tempos de residência.

Enquanto voltava, refletiu sobre a maneira que havia tratado Antônia e sua equipe de enfermagem, sentiu-se envergonhado e, apesar de seu ego não permitir erros, sabia que precisava se desculpar com todos. Esboçou até abrir um sorriso, fato que a muito tempo não apresentava. Teve a ideia de voltar à copa e se servir de mais um copo de café para entregar a Antônia, e assim o fez.

Assim que pisou novamente na UTI. PIII PII PII

O monitor estava diferente e percebeu que estava ocorrendo um movimento maior, quando a enfermeira o viu disse:

"DR, o paciente do leito 7 está parando."



Fantasticamente de Júlia

Júlia é uma jovem colorida. Penso que essa seja a melhor forma de descrevê-la. Veja bem, esta personagem carrega cor dos cabelos aos toques, pois tudo em que coloca sua existência torna-se belo, alegre e vivo. Porém, nem sempre foi assim.

Como a maioria da população, Júlia não passou ilesa pela adolescência, foi um período de diversos conflitos interiores e exteriores. Nessa época, seus olhos eram cinzas e opacos, a luz não adentrava sua alma, portanto, tudo lhe era muito penoso. Tão jovem vivenciou dores de alma, perdas irreparáveis, pedacinhos de seu ser que se perdiam a cada quilômetro que a afastava de seu alicerce, um luto prolongado por alguém em vida: ela própria.

A licença poética de 'drama adolescente' cedeu pela idade e deu margem à percepção de uma doença que a consumia por dentro, às claras, aos olhos de todos, aos dedos inquisidores de muitos! Em verdade, essa moça incorpora a extensa lista dos julgadores de motivos de depressão, alocada no subgrupo 'frescura'.

Lamentável! Em pleno auge do famoso Setembro Amarelo, Júlia distribuía um sorriso com olhos tristes, enquanto mantinha a saída de emergência sempre como opção à espreita. Em silêncio, derramou lágrimas, suor e sangue, sofreu ao ver o sonho de ser médica se distanciar, se questionando como alguém sem forças para levantar da cama e tomar um banho iria conseguir estudar para um vestibular. E a dor doeu por muito tempo.

Em noites infinitas, sob o olhar atento de sua família, em orações silenciosas, velando o sono induzido, Júlia sonhava. Às vezes dormir a maltratava tanto quanto ficar acordada, pois em pesadelos correr não te tira do lugar. Porém, alguns sonhos eram a bateria extra de vida que a sustentava, especialmente um: uma memória!

Júlia tinha uma grande amiga na infância, Camila, que era portadora de fibrose cística, portanto, essas duas, que eram como irmãs, se encontravam muito em internamentos hospitalares, fisioterapias e cuidados afins, pois eram muito unidas.

Durante o festival de Rock in Rio elas assistiam aos shows juntas: Júlia em casa e Camila no hospital e comentavam entre si através de mensagens em tempo real. Porém, dessa vez, Camila não respondeu e os dias de show seguiram e a ausência de respostas também. Júlia conheceu sua primeira crise de pânico por um aperto no peito que não soube explicar, mas que, certamente, Camila teria sentido e ligaria na mesma hora, pois elas tinham essa estranha relação: uma sentia e a outra sabia.

Logo mais a notícia de que as múltiplas infecções haviam evoluído

para sepsse chegou e a sonoridade de 'Camila e sepsse' em uma mesma frase passou a reverberar entre os familiares e amigos. 'Sepsse. Que palavra curiosa. Sepsse. O que será que deve significar? Será que ela vai precisar de um novo remédio? Quando for visitá-la irei levar um uno, pois teremos muitos assuntos para atualizar' pensou Júlia.

Ao chegar ao leito de Camila, encontrá-la tão pálida, porém extremamente quente, de olhos fechados e com um tubo na boca, não era a cena que Júlia esperava. Ela contemplou, tocou, sentiu o tempo parar, se sentiu sufocada ao entender, enfim, que não haveria uma última partida de uno. Foi a primeira dor 10/10 que sentiu e onde decidiu que profissão iria seguir. Guardou sua dor 10/10 como motivação para estudar e ser médica e poder cuidar de pessoas com doenças tão graves, que matam seus portadores e as pessoas que os amam.

Em seguimento com diversas linhas de tratamento e munida da esperança de viver o que sempre desejou, Júlia foi vencendo etapa por etapa, sob tropeços e quedas, acertos e voos e o tão esperado nome na lista chegou como aprovada. À medida que ia avançando no curso, por diversos momentos sentiu-se fragilizada, porém, a cada oportunidade que tinha de tocar a vida de alguém, de servir, de cuidar, as cores foram retornando às suas feições e a vida a circular de fato em seu espírito.

Em verdade, Júlia encontrou na medicina uma forma de ressignificar suas dores, uma forma de se sentir verdadeiramente viva, sob a lembrança das brincadeiras de médica com as barbies, de quando limpava os ferimentos dos coleguinhas no jardim de infância, de quando a dor 10/10 veio e de quando o mundo ficou escuro e frio. Ao tocar a pele de alguém e pedir permissão para acessar sua história, Júlia busca as respostas nos olhos de seus pacientes, de dores ocultas, mas justificáveis, hoje, as cores existem em seus cabelos e seu toque, porque, de fato, hoje ela enxerga um espectro de cores e sentimentos.



Fernando Tabosa



O amor ensina

Um colégio comum, onde o sol derramava sua luz sobre os corredores, aquecendo as almas dos jovens que o frequentavam. Um garoto. 17 anos. Entendendo sua própria jornada que vinha a se tornar uma lição sobre amor, coragem e superação.

Benjamin, mais conhecido como Ben, era um jovem gay, tentando desvendar sua confiança e determinação. Ele enfrentava o mundo com a cabeça erguida, e na maioria das vezes, não deixava os preconceitos o atingirem. Seu sorriso era contagiante, e sua personalidade cativante o tornava um amigo querido por todos. No entanto, em seu coração, havia um segredo guardado com cuidado.

Em uma manhã qualquer, a qual Ben não estava esperando nada, cruzou o olhar com Theo, um novo colega de classe, enquanto estavam sentados em suas carteiras. O coração de Ben quase saltou pela boca, e ele sentiu borboletas no estômago pela primeira vez. O que Ben não esperava, era que Theo retribuísse o gesto. Daqui em diante, uma amizade se estabeleceu, e logo se tornou uma profunda conexão.

Os dois compartilhavam risadas, confidências e sonhos. Passavam horas juntos, cada vez mais atravessando o véu da intimidade e expondo suas características e fragilidades. A amizade entre os dois era linda. Até que Ben começou a sentir algo a mais. Um sentimento tão diferente do que já tinha experimentado, uma certeza, a solução, uma emoção. Mesmo estando inseguro de tudo isso, sentia a necessidade de contar a Theo. A confissão finalmente saiu dos lábios de Ben enquanto estavam na biblioteca: 'Theo, eu acho que estou apaixonado por você.'

Theo, surpreso e um tanto quanto confuso, respondeu com honestidade:

'Benjamin, eu gosto muito de você, mas eu não sei o que isso significa para mim ainda.'

'Benjamin? Por que não me chamou de Ben?' Pensou Ben. Mesmo confusos, deram um abraço e tentaram entender o que estavam sentindo.

O entendimento desse sentimento e de como seria o desenrolar dessa situação demorou mais do que o esperado. A incerteza começou a corroer o coração de Ben. Ele estava ansioso, com medo de que suas emoções pudessem afastar Theo, seu amigo tão querido. Ele tentou dar espaço ao amigo para explorar seus próprios sentimentos, mas a ansiedade continuou a crescer como uma sombra escura, que sufocava, tirava o ar, dava tontura e fazia seu coração saltar.

Um mês se passou, e as coisas não haviam se resolvido entre eles. O amor não deveria ser fácil?

Ben sentia que estava em um precipício emocional. Ele não queria perder a amizade de Theo, mas sua ansiedade estava consumindo-o por dentro.

Como em uma cena de filmes, em uma tarde nublada, Ben pediu para conversar com Theo mais uma vez. 'Theo, eu não aguento mais essa incerteza. Está me fazendo mal. Eu preciso de uma resposta. Seja qual for, eu respeitarei.'

Theo olhou para Ben com compaixão e disse: 'Ben, eu ainda não tenho todas as respostas, mas sei que nossa amizade é importante para mim. Eu não quero te perder. Vamos continuar juntos como amigos e ver o que o futuro nos reserva.'

Embora a resposta de Theo tenha sido gentil, não era a confirmação que Ben esperava. Diante de toda essa exposição de seus sentimentos, Ben entendia que para outras pessoas esse tipo de afirmação é muito pessoal, mas sentia dificuldade em aceitar. Com todos esses sentimentos guardados e aflorados, sua ansiedade ficou mais frequente evoluindo com ataques de pânico, os quais ele não contou a ninguém. Noites sem dormir se tornaram uma constante, e seu sorriso contagiante começou a se apagar, bem como seu brilho no olhar.

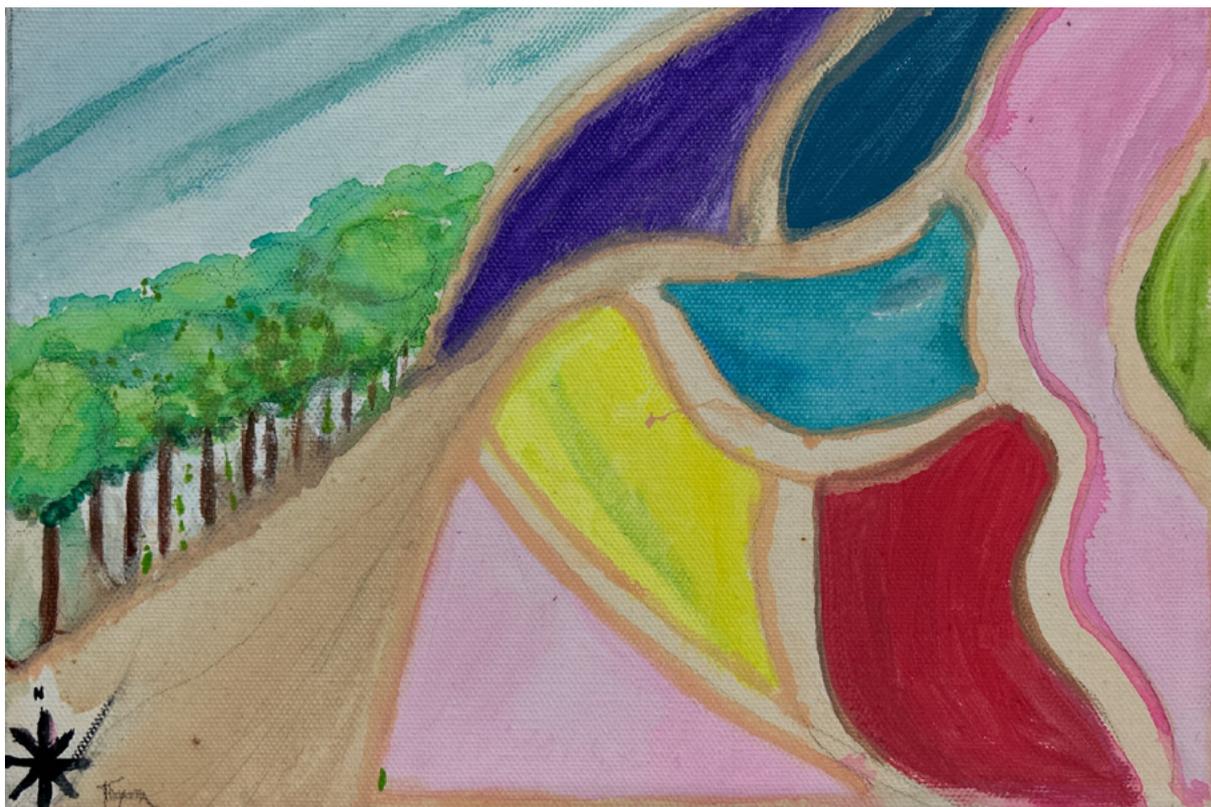
Benjamin finalmente buscou ajuda de um terapeuta, que o ajudou a lidar com sua ansiedade e a entender que o amor não pode ser forçado. A amizade com Theo continuou, mas Ben precisou se concentrar em sua própria saúde mental e bem-estar.

À medida que os anos passaram, a ansiedade de Ben gradualmente cedeu. Ele encontrou força em sua amizade com Theo e nas palavras de seu terapeuta. Aprendeu, da pior forma possível, a aceitar que o amor não deve ser uma fonte de ansiedade, mas sim de felicidade e aceitação, seja qual for o resultado.

Embora sua história de amor não tenha tido o final que ele esperava, Ben descobriu que o amor-próprio e a amizade verdadeira eram tesouros inestimáveis. E, naquelas lembranças dolorosas, ele encontrou força e resiliência para enfrentar o futuro com coragem e compreensão.



Thayane De Freitas Lima



O Norte está aqui: um conto ordinario

Na cidade de Serenidade, o "Centro de Saúde" era mais do que um local onde as pessoas buscavam cuidados médicos; era um refúgio onde buscavam consolo, orientação e, acima de tudo, Clara.

Clara, a recepcionista do centro de saúde, era uma mulher de meia-idade com cabelos prateados e olhos que pareciam conter um universo de experiências. A cada manhã, ela cumprimentava os pacientes com um sorriso caloroso e uma saudação amigável, como se estivesse estendendo a mão para acolher velhos amigos. Sua presença era como um bálsamo para todos que cruzavam a entrada do centro de saúde.

As pessoas logo descobriram que o "Centro de Saúde da Serenidade" não se limitava a tratar doenças físicas; era um lugar onde podiam compartilhar seus fardos emocionais e receber palavras de conforto e sabedoria. Clara tinha uma habilidade única para se conectar com as pessoas, como se tivesse um radar para as preocupações e alegrias que

estavam escondidas atrás dos olhares de cada paciente.

Um dia, um jovem estudante universitário chamado Felipe entrou no centro de saúde com uma expressão de confusão e ansiedade. Ele se aproximou do balcão onde Clara estava trabalhando.

Clara: "Olá, Felipe. Como posso ajudá-lo hoje?"

Felipe: "Bem, estou prestes a me formar na faculdade, mas estou confuso sobre o que fazer a seguir. Sinto que estou diante de um cruzamento de caminhos, e não sei qual direção escolher."

Clara olhou profundamente nos olhos de Felipe, transmitindo empatia e compreensão.

Clara: "A vida é como uma rede de caminhos sinuosos, meu querido. Cada escolha que fazemos nos leva por um caminho diferente, repleto de desafios e surpresas. Às vezes, os caminhos mais difíceis nos levam a destinos maravilhosos. O segredo está em seguir seu coração e escolher o caminho que faz sua alma brilhar."

As palavras de Clara pareciam clarear a mente de Felipe. Ele agradeceu e partiu com um novo senso de propósito.

Clara não era apenas uma conselheira para os pacientes, mas também uma fonte de inspiração para seus colegas de trabalho. O Dr. Almeida, um médico respeitado do centro de saúde, frequentemente visitava a sala de descanso para conversar com ela.

Dr. Almeida: "Clara, como você consegue manter essa calma e serenidade, mesmo em meio ao estresse deste lugar?"

Clara: "Bem, Dr. Almeida, a vida é repleta de altos e baixos, como uma jornada por caminhos tortuosos. O segredo é encontrar a harmonia no caos. Às vezes, tudo que podemos fazer é rir das situações inusitadas que a vida nos apresenta. O riso é um remédio poderoso, e a empatia é o nosso maior dom."

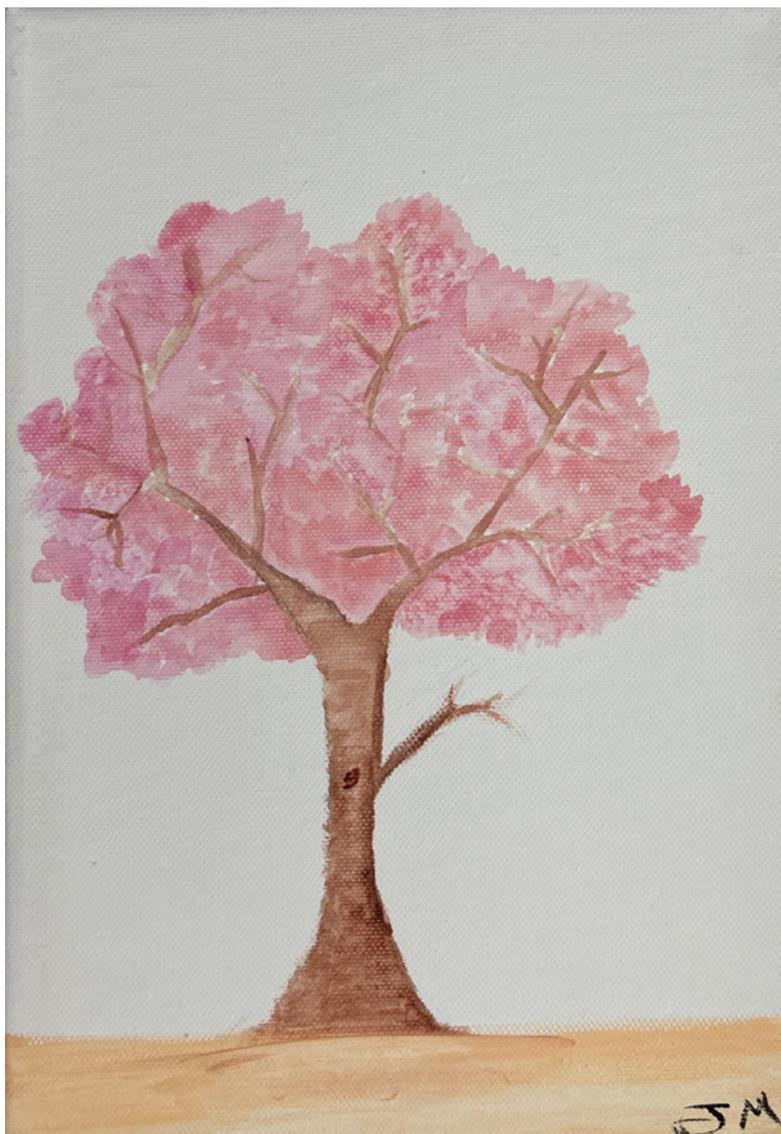
O doutor sorriu, sentindo-se fortalecido por suas palavras.

No Centro de Saúde da Serenidade, a vida se desenrolava como uma série de caminhos entrelaçados. Cada paciente trazia sua própria história, e cada dia era um novo capítulo. Clara não podia mudar o destino de ninguém, mas iluminava o caminho com sua compreensão e sabedoria. Ela sabia que a vida era uma jornada complexa, repleta de escolhas e reviravoltas, mas também de momentos de alegria e conexão.

E, à medida que o tempo avançava, Clara continuava a ser a bússola confiável que ajudava a todos a encontrar seu caminho e a apreciar a beleza das experiências cotidianas. Sua presença tocava profundamente a vida daqueles que tiveram o privilégio de cruzar seu caminho, tornando o ordinário em algo extraordinário. Clara, a guardiã de corações e mentes, mantinha viva a esperança de todos que buscavam a luz em seus caminhos sinuosos. E assim, a história dos caminhos da vida em Serenidade continuava, graças a ela.



Juliana De Medeiros Ferreira Gomes Silva



A primeira vez que eu percebi que havia alguma coisa de errado comigo foi quando, durante uma aula da faculdade de medicina sobre infecção hospitalar, olhei para um machucado no meu dedo e pensei: "E se tiver infeccionado?" Já que no dia anterior eu estava em um hospital pela faculdade, e aí você entra em uma espiral de pensamentos, lava a mão e pensa, será que a água estava limpa? Quase certeza de não estar infeccionado, entretanto esse quase é a brecha que precisa para iniciar uma cascata de situações, como tirar o band-aid novamente, passar álcool, lavar a mão novamente. Dois ou dez minutos depois você pensa: mas será que eu consegui limpar direito? Podendo levar horas tirando o

band-aid e lavando as mãos.

Sempre me achei uma pessoa normal, só me considerava uma pessoa precavida nas situações que poderiam me causar algum estresse, como a necessidade de verificar se realmente tinha desligado a luz do quarto ou ser extremamente pontual em todas as situações que ocorrem na minha vida, mas a partir desse dia eu nunca mais fui a mesma.

Desde então, eu luto diariamente para impedir que esses pensamentos invadam a minha mente. A minha terapeuta diz que, quando eles surgirem, eu respire fundo e tente ocupar a mente com outras situações, mas diversas vezes eu não consigo controlar o espiral de pensamentos (como eu prefiro chamar) e assim desenvolvi algumas técnicas para parar, como apertar as mãos forte o suficiente até sentir um pouco de dor e me distrair.

Agora eu me encontro encarando o outro residente de cirurgia geral, Henrique, durante uma colecistectomia que eu estava realizando no paciente, enquanto eu aperto as minhas mãos fazendo as luvas estéreis rasgarem e ele tentando chamar a minha atenção, pelo simples pensamento de: "E se eu não tiver lavado as minhas mãos devidamente?" Apesar de ter passado cerca de 20 minutos fazendo isso.

— Ana, está tudo bem?

Eu olho para ele e tomo um susto, ele fala isso quase sussurrando, sem me tocar da situação e de como eu parei nela. Tento voltar a minha atenção para o que eu estava realizando, mas como sempre a minha respiração fica instável por mais uma vez estar acontecendo isso e como eu não consegui me deter.

— Por favor Henrique, tu consegues trocar de lugar comigo e conduzir a cirurgia, enquanto eu só lhe auxílio? Preciso de novas luvas, inclusive.

— Pode ser Ana, mas o que aconteceu?

Ele abaixa mais ainda a voz, como se estivesse tentando deixar a conversa só entre nós dois, sem querer chamar a atenção do chefe dos residentes que tinha acabado de entrar no centro cirúrgico. Tento rapidamente retornar ao foco da cirurgia e me concentrar nos meus afazeres, afinal já havia cometido alguns erros semelhantes e já estava ganhando certa fama entre os outros residentes e staffs por esses fatos.

Ao final da cirurgia, tento fugir da conversa inevitável que sempre ocorre depois desses episódios com o Henrique, entretanto ele me intercepta na entrada dos vestiários.

— Ana, você precisa urgentemente procurar ajuda, sério mesmo.

— Eu estou bem, eu prometo. Foi só algo que me desligou da minha mente.

Tento passar pela porta, quando ele encosta em mim, me fazendo parar.

Ao olhar para a mão dele, fico pensando, será que ele se contaminou com algo durante a cirurgia? E se eu tiver me contaminado? Imediatamente tiro a mão dele de mim e passo álcool na região, sendo que a efetividade dessa atitude em erradicar bactérias é 98%, ou seja, e se não tiver tirado? Melhor tomar um banho depois? Mas e se eu já tiver sido infectada por outras bactérias resistentes? Melhor solicitar algum exame para verificar se estou bem mesmo.

Quando olho para o Henrique, percebo que mais uma vez estou apertando a minha mão, sendo que desta vez eu consegui me ferir com as próprias unhas, tomo um susto.

— De verdade, tu não está nada bem Ana, como tu pode querer tratar e cuidar de outras pessoas enquanto tu mesma não quer cuidar de ti?

— Henrique, tu não entendes, eu sempre fui meio assim, só estou

ficando nervosa com a apresentação de seminário na semana que vem.

— Talvez se tu mudasses de área da medicina, isso aconteceria menos, sério mesmo, tenta refletir sobre.

Já é a terceira vez que ele tenta introduzir esse assunto, entretanto ele não sabe que isso sempre foi algo que me perturbou desde o momento que eu me apaixonei pela cirurgia, pensando e se bem na hora de um momento crítico do procedimento eu travar? E não conseguir sair? E se o paciente começar a complicar por causa disso? Mas fico em uma faca de dois gomos, desisto do meu sonho de virar cirurgiã ou persisto nele?

Há muitos anos meus pais me colocaram em uma terapeuta para tentar diminuir das crises, que aconteceu até que eu entrei na residência há mais de um ano, que as crises vêm sendo mais recorrentes, a rotina exaustiva associada à pressão psicológica que sinto prejudicaram imensamente, venho tentando me recuperar sozinha sem procurar ajuda, por que às vezes sinto que se ninguém me entendesse, como pode uma psicóloga que nem me conhece ou sabe como eu me sinto poderia entender?

— Por favor procura ajuda, de verdade, eu conheço pessoas que podem te auxiliar nesse teu período mais conturbado. Tu és boa no que tu faz, só não pode deixar a tua mente te prejudicar Ana.

— Tudo bem Henrique, vou atrás de conversar com alguém.

— Tu juras?

— Juro.

— Avisa se precisar de alguma coisa.

Nessa entro no vestiário e me tranco no banheiro, começo a chorar como sempre acontece após um episódio de pensamentos intrusivos, principalmente aqueles relacionados à residência e à minha profissão médica. Tento lavar o meu rosto para melhorar da situação e compro-

meto ao sair daqui ligar para a minha antiga psicóloga e tentar reiniciar um tratamento que eu estava adiando. Porque, apesar da minha resistência em procurar ajuda, a minha situação não prejudica somente a mim, além de que como posso dar o meu melhor para aquele que confia a sua vida a mim e eu não cuido da minha própria vida? Sei que não vai ser fácil, dar o diagnóstico para os outros e dizer o que eles devem fazer com certeza é muito mais fácil do que estar do outro lado da mesa no consultório, irá ser, e estar sendo, uma estrada complicada com curvas e ladeiras, mas espero conseguir.



Julia Angelim De Freitas Cardoso



Em um mundo não tão distante do nosso, onde os progressos científicos na área médica atingiram níveis inimagináveis, existia um hospital que era líder em inovações médicas no país. Lá dentro, os corredores eram movimentados, com enfermeiros indo e vindo, e salas cheias de equipamentos sofisticados e cientistas trabalhando incansavelmente. Dentro da equipe de cientistas renomados do serviço, estava Helena, uma médica que dedicava sua vida ao seu trabalho e a sua filha, Sofia. O sonho de vida de Helena era se tornar médica; desde pequena, via seus pais atuarem em áreas tão nobres na medicina. E afinal, ela conseguiu. Formou-se em uma faculdade renomada, fez uma excelente residência e tornou-se uma das chefes da equipe médica do hospital de sua cida-

de. Porém, mesmo com todas essas conquistas almejadas por toda a sua vida, tudo que Helena conseguia pensar era em curar sua filha.

Sofia, filha adolescente de Helena, nasceu com uma condição rara para a qual ainda não existe cura, mas que tem grandes chances de ser fatal. Porém, mesmo com o peso dessa enfermidade sobre sua vida, Sofia sempre se manteve uma menina leve e sorridente durante os dias, mesmo aqueles em que passava dentro do hospital fazendo exames e procedimentos. Sofia estava muito contente com sua vida, pois, na verdade, ela nunca soube o que é viver de forma diferente; uma vida cheia de remédios, exames, consultas e internações frequentes e cada vez mais prolongadas. No entanto, agora, após seu aniversário de 16 anos, Sofia queria fazer mais do que apenas auxiliar a mãe em suas pesquisas; ela pretendia fazer algo por meios próprios, custe o que custar.

Nas últimas semanas, circulou nas redes sociais um caso de um jovem ex-soldado internado no hospital em que Helena trabalha. Supostamente, esse jovem estava usando uma medicação inovadora que prometia regenerar as células humanas defeituosas. Ao ver isso, uma luzinha se acendeu na cabeça de Sofia. Ela precisava encontrar essa droga e, assim, finalmente aliviar o peso de sua doença e permitir que sua mãe tivesse uma vida normal.

Após alguns dias de planejamento, Sofia conseguiu encontrar o remédio. Afinal, sendo filha de uma das chefes do serviço e estando quase mensalmente internada no hospital, ela tinha alguma vantagem. Mesmo sem saber quais seriam as consequências do uso dessa droga em seu corpo, ela não podia deixar essa oportunidade passar, pois essa talvez seja a única chance de se curar completamente de sua doença.

Algumas semanas se passaram, e algumas coisas mudaram. Sofia, agora tomando diariamente a medicação em segredo, notou que estava mais alerta, disposta e conectada de uma forma que nunca havia se

sentido antes. Helena, ao ver a melhora física de Sofia, estava cheia de esperança em relação a suas pesquisas, mas também desconfiada do real motivo da melhora repentina dos sintomas, uma vez que, mesmo após o uso de diversos medicamentos, nunca havia ocorrido uma melhora tão rápida. Com essa desconfiança rondando Helena, ela decidiu observar mais de perto o comportamento de sua filha.

Parecia tudo normal até que Helena viu Sofia tomando um comprimido diferente dos remédios habituais que ela tomava, o que a levou a enfrentá-la.

Helena: "Sofia, minha filha, o que significa isso? Que remédio é esse que você tomou agora?" Disse Helena com um tom de voz firme.

Sofia levantou da cama assustada após a abordagem de sua mãe e percebeu que não adiantaria tentar contornar a situação e mentir para ela. Então, resolveu contar toda a verdade: "Mãe, é o remédio daquelas notícias que se espalharam há algum tempo. Descobri que ele estava sendo desenvolvido no hospital onde a senhora trabalha, então fui lá e peguei algumas cápsulas para começar a tomar sozinha." Vendo a mudança de expressão no rosto de sua mãe, Sofia continuou: "Eu sei que o que fiz foi errado e arriscado, mas eu não aguentava mais esperar. Não suportava os tratamentos que não levavam a nada e não suportava mais vê-la todos os dias se martirizando por algo que não é sua culpa."

Então, Helena disse: "Sofia, você sabe que não deveria ter feito isso sem falar comigo. Essa medicação é experimental, e não temos estudos sobre o que ela pode fazer com o seu corpo, como pode afetá-lo; ela pode ter efeitos imprevisíveis! Você deveria ter confiado em mim para o seu tratamento. Só quero o melhor para você." Helena estava com lágrimas nos olhos.

Sofia respondeu: "Eu confio em você, mãe, mas eu precisava fazer algo. Estava cansada de ficar presa em casa, de sentir tanta dor todos os dias."

Helena: "Eu sei que é difícil, Sofia. Eu realmente sei. Estou aqui para ajudar você da melhor forma possível. Vamos trabalhar juntas para encontrar uma solução segura para a sua doença."

Nesse momento tenso, Sofia percebeu que sua urgência para se sentir melhor a havia levado a um caminho perigoso e impensado, sem considerar os possíveis riscos irreparáveis em que estava se metendo. Enquanto Helena expressava sua preocupação e cuidado, Sofia começava a compreender a importância de confiar nos profissionais de saúde e seguir os procedimentos adequados, mesmo quando a situação parecia desesperadora. Era um momento de aprendizado e reconciliação entre mãe e filha, enquanto enfrentavam juntas os desafios dessa jornada médica complexa.



Beatrice Araújo Duarte



Emine é uma jovem turca cujos primeiros dias de juventude deveriam ter sido preenchidos com risos, festas, celebrações escolares e viagens empolgantes. No entanto, o destino lhe reservou um capítulo diferente. Aos 18 anos, um diagnóstico de leucemia a surpreendeu e a obrigou a vivenciar um mundo de consultas médicas frequentes, salas de espera e sessões de quimioterapia. Com o tratamento vieram as inevitáveis e incontáveis marcas do sofrimento, visíveis e invisíveis: a queda de cabelo, a fraqueza e as incapacidades físicas. Era como se um véu de doença tivesse envolvido cada aspecto de sua vida. No entanto, um sonho se manteve imaculado no coração de Emine. Ela almejava ser mãe,

criar uma família que preenchesse sua vida com amor e esperança. O tratamento que lutava contra sua leucemia, no entanto, tinha um efeito colateral particularmente cruel: a infertilidade. As probabilidades de conceber uma criança se tornaram um sonho distante.

Com o passar do tempo, Emine e Ali compartilhavam a sala de espera da clínica de tratamento do câncer. As sessões de quimioterapia eram como paragens numa jornada sombria, onde eles enfrentavam as agulhas, os tubos e a incerteza do futuro juntos. Suas histórias eram como fios de esperança tecidos em meio ao doloroso tratamento. Ali, com seus 22 anos, havia aprendido a encarar a ameaça da morte de frente. Ele tinha um sorriso corajoso, os olhos cheios de determinação e um humor que desafiava a tristeza que permeava aquele ambiente. Emine, por sua vez, tinha uma força silenciosa, uma coragem que se manifestava na maneira como enfrentava cada procedimento, cada dia sombrio, ela vivia um dia de cada vez. Enquanto aguardavam as infusões de quimioterapia, compartilhavam histórias de seus sonhos adiados. Ali falava dos projetos inacabados, dos lugares que ainda desejava visitar, dos amores que nunca ousara confessar. Emine abria seu coração sobre as festas que perdera, os risos que jamais compartilhara com amigos e as viagens que só conhecera através de fotografias. Em meio às histórias de sonhos desfeitos, encontraram conforto um no outro.

Foi durante uma tarde particularmente cinza e sombria que algo extraordinário aconteceu. Enquanto Ali e Emine aguardavam o início de suas respectivas sessões de quimioterapia, seus olhares se cruzaram. A sala estava repleta de pacientes que compartilhavam suas angústias e medos, mas naquele momento, o mundo pareceu congelar. Ali se aproximou de Emine e perguntou suavemente se ela já havia ouvido falar de um antigo conto turco sobre tulipas. Emine disse que não, e Ali começou a contar a história. Era um relato sobre como as tulipas floresciam

nas condições mais adversas, em meio à escuridão do inverno, trazendo beleza e renovação. Ele descreveu que, como as tulipas, eles estavam florescendo em meio à adversidade. Emine olhou nos olhos de Ali, e algo mágico aconteceu. Ali inclinou-se e, em um gesto de puro desafio às limitações do mundo, ele a beijou. Foi um beijo de paixão e coragem, um momento de conexão que transcendia o sofrimento que ambos compartilhavam.

A partir desse momento, uma chama ardente de paixão ardeu entre eles. Eles compartilharam risos e lágrimas, sonhos e medos. Cada momento se tornou um presente precioso, uma vitória sobre a tristeza e a dor. O amor que floresceu naquela sala de tratamento se tornou uma fonte de força e inspiração. À medida que os tratamentos continuavam, Emine e Ali enfrentavam as dificuldades juntos, apoiando-se mutuamente. O amor deles florescia como as tulipas no inverno, uma manifestação de vida e esperança em meio à adversidade.

À medida que o tempo avançava inexoravelmente, a paixão que havia surgido entre Emine e Ali evoluiu para um amor profundo, intrincado com os fios da vida que compartilhavam. O que começou como um beijo impetuoso na sala de quimioterapia havia se transformado em um compromisso inabalável. Ali, com olhos cheios de determinação e coragem, encontrou uma fonte inesgotável de força em Emine. Ela, por sua vez, achou um porto seguro nos braços acolhedores de Ali, alguém com quem podia compartilhar os seus medos, alegrias e desafios. Em meio às incertezas que a doença lhes impunha, Emine e Ali escolheram não apenas enfrentar o futuro juntos, mas também selar seu compromisso com um casamento. O pedido de casamento foi um ato de coragem, um testemunho do poder do amor de transcender as circunstâncias. Em uma noite estrelada, no hospital que havia se tornado sua segunda casa, Ali ajoelhou-se diante de Emine, com um anel nas mãos trêmulas. Ele

disse palavras que vieram do fundo do seu coração, prometendo amá-la em todas as estações da vida, não importa o que o destino lhes reservasse. Emine, emocionada, aceitou o pedido com um sorriso radiante. Eles não estavam apenas buscando conforto na companhia um do outro; estavam fazendo um compromisso para enfrentar o futuro com coragem e esperança.

E, finalmente, após anos de batalhas e provações, eles decidiram dar um passo corajoso e se casaram, selando seu compromisso de enfrentar o futuro lado a lado. A história de Emine e Ali, uma história de amor que cresceu no terreno mais árido da doença, era um lembrete de que, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, o amor e a paixão podem encontrar seu caminho. Foi o início de uma jornada extraordinária que os levaria ao encontro de uma tulipa de renascimento, uma promessa de esperança que mudaria suas vidas para sempre.

No entanto, um desejo profundo continuava a queimar em seus corações. Apesar das incertezas, Emine e Ali sonhavam em construir uma família juntos. Sabiam que a infertilidade que a leucemia trouxera como presente amargo tornava esse sonho uma busca desafiadora. Ainda assim, não podiam ignorar o anseio de serem pais, de dar à luz uma nova vida. Com o passar dos anos e o casamento consolidado, a questão da maternidade e da paternidade se tornou um tema recorrente em suas conversas noturnas. Emine e Ali compartilharam lágrimas e risos, debatendo sobre as opções que tinham, como a adoção e a fertilização *in vitro*. Eles buscaram orientação médica, exploraram todas as possibilidades, enfrentando juntos cada veredicto médico, cada teste negativo, com determinação e esperança. A doença que havia roubado parte de suas vidas não conseguiria extinguir a chama de seu desejo de serem pais. Era como se o amor e a esperança que nutriam um pelo outro se estendessem a esse novo capítulo, como uma flor que teima em florescer

nas condições mais adversas. Assim, mesmo enfrentando as incertezas e as dificuldades, Emine e Ali persistiram em sua busca por uma família. Eles estavam determinados a criar uma nova vida, uma nova promessa, não importa o quanto o destino tivesse sido cruel.

Cinco anos de tratamentos implacáveis e batalhas ferrenhas deixaram sua marca na história de Emine e Ali. A infertilidade era uma cicatriz na alma deles, uma marca de tudo que haviam perdido. A maternidade, uma vez um sonho tão distante, havia se transformado em uma utopia brilhante, um capítulo que parecia ter se fechado para sempre. No entanto, o destino, muitas vezes enigmático, havia reservado uma reviravolta surpreendente. Em uma tarde ensolarada no Grande Bazar de Istambul, uma senhora de rosto amável se aproximou de Emine e entregou-lhe uma única tulipa. A flor era um símbolo de renascimento na cultura turca, uma promessa de esperança e renovação. O gesto da senhora tocou o coração de Emine e trouxe consigo uma sensação de renovação. Ela sentiu como se fosse a própria flor, pronta para desabrochar e enfrentar o mundo. O que ela não sabia era que, no seu próprio ventre, um pequeno milagre já estava em progresso. Ela engravidou, contrariando todas as probabilidades, e, quando compartilhou as notícias com Ali, lágrimas de alegria encheram seus olhos.

Quando sua filha finalmente veio ao mundo, eles a nomearam de Iale, que significava "tulipa" em turco. Iale, a personificação da esperança, trouxe alegria e renovação para a vida de Emine e Ali. Finalmente, eles haviam construído a família que tanto ansiavam, com a certeza de que, como as tulipas que florescem após um longo inverno, o amor e a vida podem renascer das adversidades mais sombrias. E assim, Emine, Ali e Iale encontraram o seu merecido final feliz, uma história de resiliência, amor e renascimento que ecoou através das vielas do Grande Bazar de Istambul e resplandeceu como as próprias tulipas que simbolizavam a

sua jornada extraordinária na Turquia. Era uma história de triunfo sobre a crueldade da doença e uma celebração do poder do amor humano de florescer nos terrenos mais inóspitos.



Anderson Arthur



O médico do tempo: curando a peste negra

Recém-formado em medicina no ano de 2023, Dr. Marcelo se viu imerso em meio a vários acontecimentos ao ser abruptamente transportado à Europa do século XIV, na época mais devastadora da Peste Negra. Sem tempo a perder, ele conscientizou-se de que suas habilidades avançadas eram sua única tábua de salvação.

Marcelo lançou-se de corpo e alma na luta contra a doença. Em um ato de bravura, ele cruzava vilas, confrontando a assustadora epidemia de frente. Sua determinação e conhecimento sobressaíam rapidamente. Em um mundo mergulhado no caos, ele surgia como luz de esperança.

Com maestria no diagnóstico, Marcelo identificava casos de peste com rapidez, isolando os doentes para o evitar que a doença se propagasse. Sem pensar duas vezes, aplicava tratamentos revolucionários, recorrendo a saberes modernos para aliviar o sofrimento dos enfermos.

Além disso, o herói educava os habitantes locais sobre medidas de higiene e a necessidade de lavar as mãos, treinando curandeiros locais para realizar abordagens de tratamento mais eficazes, não colocando em risco sua vida. Em cada aldeia, seu heroísmo se tornava sua história conhecida. Marcelo era visto como o pai da medicina, suas histórias de sucesso já percorriam toda a Europa.

Contudo, nem todos aceitavam as novas práticas médicas. O grande médico enfrentava resistência e suspeição, pois uma parte da população acreditava que seus feitos eram oriundos de alguma prática de feitiços proibidos, até que foi indagado por um grupo de caçadores em uma noite de cura, mas Marcelo logo conseguiu livrar-se das acusações, ele curou um dos homens logo após uma grave manifestação da doença e sua determinação inabalável o impedia de retroceder. Ele estava comprometido em fazer a diferença, não importando os obstáculos, fossem eles grandes ou pequenos, seu objetivo era salvar uma população doente, não só do corpo, mas da alma.

Com o passar dos meses, a propagação da peste começava a declinar gradativamente, o conhecimento de Marcelo era visto na população como uma ferramenta necessária para grandes curas, pessoas do mundo todo viajavam para Europa buscando conhecer o médico de sucesso que reinava na Europa. A ação fantástica de Dr. Marcelo fazia efeito.

No entanto, o tempo era seu adversário constante, ciente de que sua permanência no passado era efêmera. Então, num dia, enquanto cuidava de um paciente, Marcelo experimentou uma sensação familiar. Ele estava sendo levado de volta à sua própria época em uma respiração pro-

funda em meio a tantas notícias positivas decorrentes do seu trabalho de sucesso.

No final de sua extraordinária jornada, o médico do século XXI havia deixado sua marca de um trabalho incansável na luta contra a Peste Negra. Seu nome e seu legado estariam presentes para sempre como um exemplo de coragem e ação em tempos desesperados. Estátuas foram erguidas para o Dr. Marcelo e nas aulas de sua residência, ouvia sobre práticas ainda mais avançadas da sua própria medicina.



Jesamar Correia Matos Filho



O palhaço

Chego às 15 horas no consultório. Me sento e espero a atendente me perguntar se gostaria de um café. Fico calado a maior parte da espera. A sala é ampla, bem arejada. Na minha frente vejo quadros de pessoas felizes, 'muitas pessoas', eu penso. A paciente antes de mim sai, ouço o médico falar 'só um instante, por favor'.

Nesse tempo me pego pensando por que estou aqui, minha filha que mandou eu ir a esse médico. Sai uma lágrima do meu rosto, logo enxugo. A atendente pergunta mais uma vez se quero algo, respondo 'uma água' só para não ser mais perturbado. No mesmo instante pergunto se o

doutor ainda vai demorar, tenho trabalho à noite. Ela fala que não, ficou por isso mesmo. Sou chamado, entro na sala e me sento na cadeira. Dois minutos de silêncio foram necessários para iniciar a conversa.

Nesse meio tempo me pego olhando para a janela, pensando em nada e em tudo ao mesmo tempo, sai uma lágrima do meu rosto. Percebo que não quero falar, mas por algum motivo as palavras saem da minha boca, sinto meu peito ficar vazio. Olho para ele e vejo um sorriso cheio e olhos vazios, não acho que ele entende de pessoas. Penso em uma piada, solto um riso, mas meus olhos estão pesados, meu trabalho é mais dinâmico que aquilo.

O doutor me pergunta por que vim para a consulta, falo 'sinto que o mundo é vazio, que as pessoas são vazias, que o que é dito perde significado em pouco tempo, que basta um dia ruim para sermos loucos, nada mais importa, relações são desfeitas em questão de instantes, onde sorrir se torna um fardo pesado a cada dia.' Médico escuta calado, ainda com aquele sorriso despretensioso.

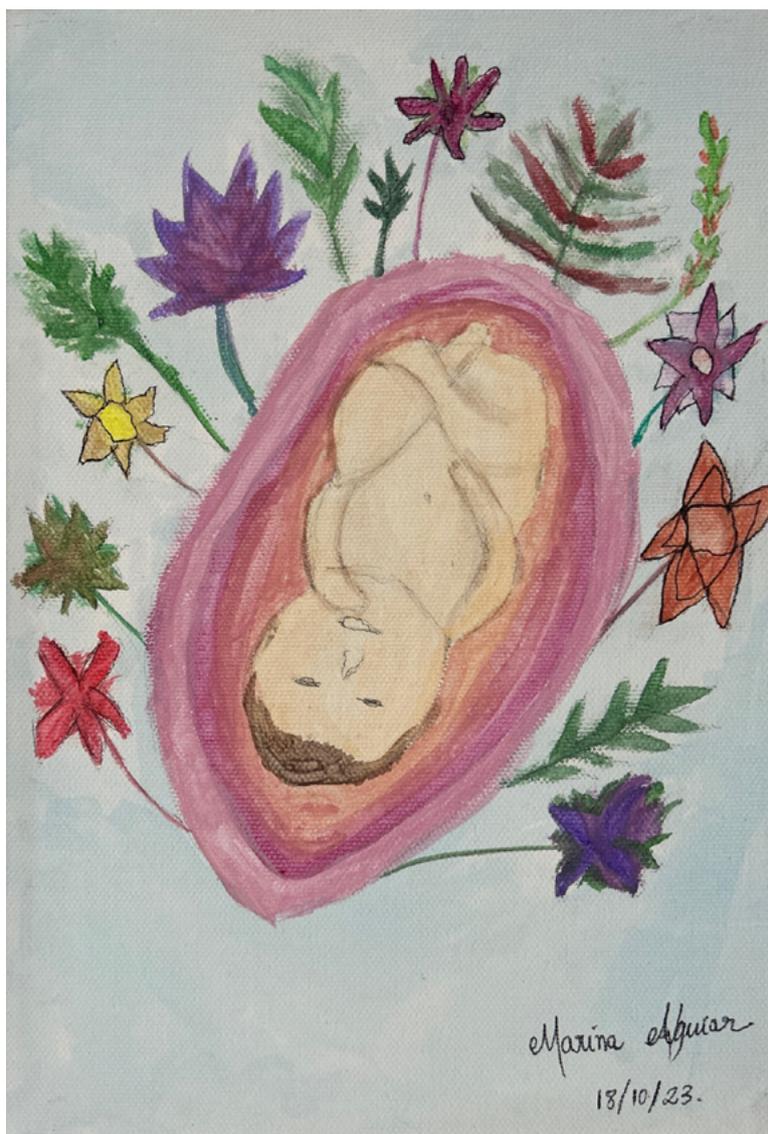
Ao fim, fala 'não se preocupe, tenho uma solução boa que vai ajudar, vá ao show do palhaço Fernandinho, ele irá lhe alegrar.'

Nesse instante meus olhos cedem e começo a chorar, não consigo parar, ele todo desconcertado fala 'o que foi?'

Respondo rindo e chorando 'mas doutor, eu sou o palhaço Fernandinho', e nós dois começamos a rir e chorar.



Marina Feitosa de Castro Aguiar



2723 é o ano de início dessa história... Mas se estivéssemos em 2023 e eu te perguntasse sobre grandes populações, talvez você pensasse e citasse a China ou a Índia. O ponto é que não estamos em 2023, estamos em 2723, são 700 anos a mais do que você sequer viverá. Grandes populações não estão mais concentradas em alguns poucos países, como China e Índia; a população mundial cresceu e cresceu muito, o supercrescimento das populações era generalizado, tornando a manutenção da vida na Terra quase impossível, cercando o mundo de grandes restrições.

Alimentação? Ah, ainda é possível se alimentar todos os dias, mas o poder de escolha tornou-se ainda mais exclusivo dos bilionários. Frutas

e verduras? Lembra dos agrotóxicos? Eles não foram bem-sucedidos em controlar as inúmeras pragas que enfrentamos devido à resistência aos antimicrobianos, que já se falava desde 2023. Carnes, aves e peixes? Não existe mais vida animal em 2723. Resumindo e antecipando a resposta de todas as suas perguntas: existe comida na Terra, mas elas são todas industrializadas e engarrafadas com promessas de cumprir todas as suas necessidades diárias de carboidratos e proteínas.

Belas casas amplas em grandes condomínios? Não existem há muito anos... Edifícios com amplos apartamentos? Bem, os edifícios existem e são bem mais altos do que os de antigamente, os edifícios mais baixos chegam a 80 andares, mas os apartamentos são cada vez menores, verdadeiros cubículos, vivemos em pequenas gaiolas, amontoados e com pouquíssimo espaço.

A liberdade de ir e vir não existe mais, o ser humano apenas pode sair de casa durante 3 dias na semana, em dias estabelecidos pelo governo. Você não pode sair de casa para trabalhar, nem para se divertir, nem para ir ao mercado ou para à farmácia; de fato, a única exceção nessa restrição é a extrema necessidade de atendimento hospitalar. Ambientes públicos como parques e praias são extremamente controlados, não existem mais momentos de lazer. Não existem mais viagens. Não existem mais animais de estimação. Enfim, muitas coisas não existem mais: o supercrescimento populacional cercou o mundo de restrições: sociais, comportamentais, alimentares e, até mesmo, reprodutivas.

Por falar nas restrições reprodutivas, os mais jovens dentre a população mundial já tinham 23 anos. Isso mesmo, você entendeu bem! Há 23 anos ninguém nascia no planeta Terra. Essa medida foi bastante extremista na época em que foi instaurada, mas o crescimento populacional foi tão rápido e tão desenfreado que obrigou os governos de todos os países a instaurarem medidas de controle de natalidade. Inicialmente,

permitia-se apenas dois filhos por casal, mas a medida não surtiu efeito algum. Décadas depois, reduziu-se para apenas um o número de crianças permitidas em cada família. Por um curtíssimo espaço de tempo, tal medida ajudou a reduzir o caos na Terra, no entanto, anos depois o aumento na quantidade de pessoas era exorbitante outra vez e seria necessária aplicação de uma última providência que parecia ser resolutive: taxa zero de natalidade em todo o planeta Terra.

O início da política adotada para zerar o nascimento de crianças em todo o mundo foi extremamente efetiva: rapidamente, todas as mulheres em idade fértil foram obrigadas a usar dispositivos contraceptivos de longa duração, como os chips inseridos via cirurgia no útero das mulheres. Medidas tradicionais como anticoncepcionais orais, dispositivos intrauterinos, injeções mensais ou trimestrais, adesivos, preservativos e quaisquer outras formas de contracepção que dependessem da ação humana estavam fora de cogitação e eram, extremamente, proibidas pelas ações governamentais de controle de natalidade.

O Estado impunha amplas restrições, mas era impossível restringir as relações afetivas entre os muitos habitantes da Terra, isso ainda continuava normal. As pessoas paqueravam, namoravam e se casavam. Ou seja, ainda havia o desejo de formar família. Há quem ache que para haver o conceito de família, existe a necessidade de filhos entre um casal, mas isso nunca foi, não é e nunca será uma verdade absoluta. Ainda mais se considerarmos o atual momento em que vivemos, no qual não há a possibilidade do nascimento de criança alguma.

Ainda assim, um exemplo de casal que casou é Ana e Fernando. Eles já namoravam há cerca de 3 anos e se conheceram por sorte e graças ao destino, já que no mundo atual só é possível conhecer pessoas que podem sair de casa nos mesmos dias que você. Ana é uma jovem empresária, dona de uma bem-sucedida floricultura de flores artificiais,

já que plantas naturais estão extintas. Pedro é médico cirurgião, mas não como os cirurgiões que você costumava conhecer em 2023; a profecia que tanto falávamos "a medicina será dominada pela tecnologia" se realizou e os atuais cirurgiões mais parecem operadores de máquinas. Não há mais contato físico com o paciente durante a cirurgia... máquinas fazem a sedação, máquinas fazem a intubação, máquinas abrem, operam e fecham o paciente. Atualmente, os médicos podem operar diretamente de suas casas, através de modernos computadores, se necessário... enfim, os hospitais parecem grandes centros de tecnologia de ponta.

Ana e Fernando se casaram para constituir sua pequena família sem filhos, conforme os termos da lei. Ana nasceu durante a política do filho único e nunca experimentou o que é ter uma grande família. Fernando era um pouco mais velho que Ana e não havia restrições quando ele e seus irmãos nasceram, portanto, ele era o mais novo dentre seus quatro irmãos e sempre viveu rodeado pela companhia fraterna, por isso sonhava em ter filhos, mas sabia que aquilo seria impossível.

Quando Fernando conheceu Ana, soube que ela era a mulher da sua vida e que iria se casar com ela. Fernando sabia das proibições do Estado, mas ainda assim, sonhava com o dia em que tais proibições seriam coisa do passado e as pessoas poderiam ter seus filhos e constituir suas famílias. No entanto, aquela era uma realidade muito distante do presente momento.

Ao casar-se, Ana passou a ter um dever com o Governo, uma vez que todas as meninas, ao casarem-se, devem optar por um método contraceptivo de longa duração. Assim, um dia após seu aniversário, Ana estava no consultório médico e colocou o chip intrauterino não hormonal, cujo processo de adaptação foi péssimo. Desde sua adolescência, ela já sentia fortes cólicas menstruais, chegando a ficar até mesmo de cama durante alguns dias do seu ciclo menstrual, mas imaginava que aquilo

fosse normal, pois muitas das mulheres que conhecia também sentiam dores e sempre ouvia que 'quando você se casar, a dor vai passar'. No entanto, a dor não passou, mas sim tornou-se ainda mais intensa desde que colocara o chip contraceptivo. Suas cólicas eram muito fortes e não melhoravam nem com analgésicos, nem com compressas com água morna. Além disso, sentia também dores intensas durante as relações sexuais com o esposo.

Ao ver sua esposa sofrer daquela forma, Fernando a levou a uma ginecologista especializada em Endometriose, para investigar o quadro algíco. Após diversos exames, confirmou-se a hipótese diagnóstica e a médica inclusive correlacionou a piora das dores e o aumento do fluxo menstrual com o chip contraceptivo sem hormônios, pois esses sintomas são bastante comuns após a colocação, o que o torna pouco indicado para a paciente em questão. No entanto, já estava feito, por puro desconhecimento, há 6 meses ela mesma havia optado por aquele método que agora sabia ser inadequado, mas não havia nada que pudesse fazer, uma vez que o Estado era extremamente rígido e a troca de método contraceptivo era apenas permitida após um ano e meio, tempo que o governo considerava ser o 'período obrigatório de adaptação'. Não havia exceção, não havia possibilidade de troca e não havia possibilidade de retirada daquele dispositivo que tanto havia piorado suas dores. Agora ela teria que aguentar aquele intenso sofrimento por mais um ano.

Mais dois meses se passaram, e apesar de ela ter cumprido o tratamento não farmacológico da Endometriose, suas dores se intensificaram ainda mais. Ela chegava a ter sudorese e calafrios de tanta dor que sentia. Devido às crises algícas, a jovem moça abandonava sua própria floricultura, que tanto amava, durante uma semana completa de seu ciclo menstrual. Fernando não aguentava mais aquela sensação de impotência e se via em um dilema ético e moral: como podia ele ser um médico e

deixar sua própria esposa sofrer daquela forma por regras governamentais? Ele lembrava do juramento de Hipócrates, que havia feito ao final do curso de Medicina, para nunca fazer mal a alguém. Então, como ele poderia cruzar os braços diante do sofrimento de sua amada? Por outro lado, sabia que se não seguisse as leis sobre contracepção e proibição do nascimento de crianças, ele e sua esposa poderiam ser presos, e se ele retirasse ou mudasse o método contraceptivo de sua esposa, ele poderia ter seu registro médico cassado pelo Conselho Federal de Medicina. A grande dicotomia de Fernando era 'agir com emoção ou com razão?'

O médico cirurgião resolveu optar pelo seu lado mais humano, agindo com a emoção, e decidiu que ele iria retirar o chip de sua esposa, em sua própria casa. Ao contar sobre a decisão para Ana, ela ficou bastante apreensiva, com medo do que poderia ocorrer, mas resolveu acatar a ideia proposta, afinal o problema do controle de natalidade era o menor dos problemas, já que sua médica afirmava que era quase impossível ela não ser infértil, devido à seriedade de sua condição clínica. No dia seguinte, Fernando trouxe de seu trabalho o material necessário para a analgesia e remoção, e assim o fez, retirou o dispositivo que tanto piorava as dores causadas pela endometriose.

Foi nítida a melhora ao longo da semana que se passou. As dores reduziram consideravelmente e conseguiram ser controladas com analgésicos, o que mostrava uma positiva melhora na qualidade de vida da empresária. Além disso, a intensidade das dores durante as relações diminuiu bastante, e a frequência em que os momentos íntimos ocorriam aumentou. Apesar das baixas chances de engravidar, o casal utilizava preservativos na maioria das vezes, mas não em todas, deixando sempre um grau de preocupação no ar.

Dois meses se passaram, até que a inquietação deixou de ser coisa do imaginário de Ana e tornou-se cada vez mais palpável. Ela sentia-se

cansada, sonolenta e com enjoos frequentes. Logo após veio o atraso menstrual, mas não havia nada que pudessem fazer para descobrir se estavam grávidos ou não, uma vez que testes de farmácia e testes laboratoriais com beta-hCG não eram mais de livre acesso para a população geral, e ele não poderia levar sua esposa ao hospital para solicitar os devidos exames, pois isso levantaria altas suspeitas, e eles não poderiam correr esse risco.

A menstruação de Ana realmente parou de vir e sua barriga começou a crescer. Então, ela preferiu se ausentar de sua floricultura, trabalhando apenas com reuniões home-office. Ela teria que ficar reclusa durante toda a gestação, escondendo a criança em seu pequeno apartamento, e teriam de viver assim para sempre, pois aquele segredo familiar não poderia ser descoberto por ninguém. Parecia uma loucura; eles teriam um filho em uma época que crianças não nascem, em uma época em que o nascimento era estritamente proibido. E teriam de criar o bebê dentro de um apartamento, sem a possibilidade de sair de casa, pelo resto de suas vidas. No entanto, aquele segredo alegrava e animava o jovem casal, nunca estiveram tão felizes, e enfim, o sonho da paternidade se realizaria para Fernando.

Foi então que o inesperado aconteceu. Ana começou a sentir-se mal, estava fraca e com muito inchaço nos membros inferiores. Chegou a desmaiar e teve um episódio de convulsão. Foi assim que Fernando percebeu que o mais prudente a ser feito seria levar Ana ao hospital para que ela recebesse o devido tratamento. No entanto, ele sabia que aquilo significaria uma enxurrada de problemas e seria o fim dos sonhos de cuidar da criança somente dentro do apartamento. Ninguém sabia qual seria o destino daquela criança. Talvez a morte? A adoção? A reclusão? Não se sabia o que iria acontecer, e aquilo amedrontava os jovens pais.

O casal chegou à emergência, gerando comoção, afinal era uma mu-

lher gestante que estava ali. Já havia 20 anos em que as últimas crianças haviam nascido. Olhares de choque e repulsa foram dirigidos ao casal, tanto por desconhecidos quanto por profissionais de saúde do hospital que eram colegas de trabalho de Fernando.

O médico plantonista naquela noite informou que se tratava de um quadro de urgência e em pouco tempo, mãe e filho poderiam falecer se não fossem adequadamente tratados. O casal tinha uma escolha a fazer: ter esse bebê de modo tradicional, responder criminalmente por todos os atos cometidos e perder o bebê, pois ele seria de tutela do estado, ou retirar o bebê do útero materno, preservando a placenta para que ela seja conectada a uma tecnológica máquina que funcionará como um útero materno, preservando a vida daquele bebê, por tempo indeterminado, até que as restrições de natalidade fossem suspensas.

Aquele foi um momento de intensa angústia para o casal. De uma forma ou de outra, teriam que abandonar seu filho. Se seguissem pelo primeiro caminho, nem mesmo saberiam o destino que a criança teria, e seriam excluídos de sua vida para sempre. Além disso, Fernando teria seu CRM cassado e provavelmente o casal também iria passar anos na cadeia, respondendo pelos descumprimentos da lei. No entanto, a segunda opção parecia algo surreal, ficção científica que só se vê em filmes. Nem mesmo o jovem cirurgião sabia da existência daquelas secretas máquinas governamentais que conservam os bebês em suas placentas por tempo indeterminado. Tempo esse em que ele e a esposa poderiam fazer visitas ao laboratório onde o bebê iria ficar, poderiam sonhar com o dia em que a política da natalidade zero fosse coisa do passado e poderiam ansiar pelo nascimento do primeiro, e possivelmente o único, filho do casal.

Foi aí que optaram pela segunda opção. Ana passou por uma séria cirurgia para a retirada de seu bebê ainda dentro da placenta. Devido aos

riscos cirúrgicos agravados pela Endometriose, Ana teve um exagerado sangramento que culminou na retirada completa de seu útero. Ela teve de passar semanas em casa em repouso, tentando recuperar-se da cirurgia e dos comentários que a população fazia contra ela e sua família. O casal foi atacado em diversas ocasiões, altamente julgados pela comunidade em que viviam e vistos como verdadeiros transgressores. Diante de tanto estresse físico e psicológico, ela entrou em um quadro psicológico muito deprimido, devido à necessidade temporária de reclusão no pequeno apartamento, longe de sua floricultura e, o mais importante, longe de seu bebê.

Fernando foi a julgamento pelo crime cometido sobre a contracepção de sua esposa. No entanto, a pena foi apenas o pagamento de uma volumosa multa ao Estado. Os dias também eram difíceis para ele, mas pelo menos ele já tinha conseguido voltar à rotina e ao trabalho no hospital, ambiente de constante julgamento por terceiros. O casal passou por dias muito difíceis, mas com o apoio um do outro, conseguiram vencer as adversidades. Tudo melhorou quando Fernando descobriu onde estava seu filho. O laboratório estava localizado na mesma cidade em que eles moravam, e por intermédio de um colega médico, conseguiu visitar o espaço e ver seu filho dentro daquela máquina. Ele era tão pequeno e solitário, estava tão desprotegido ali sozinho. A cena cortou o coração do pai.

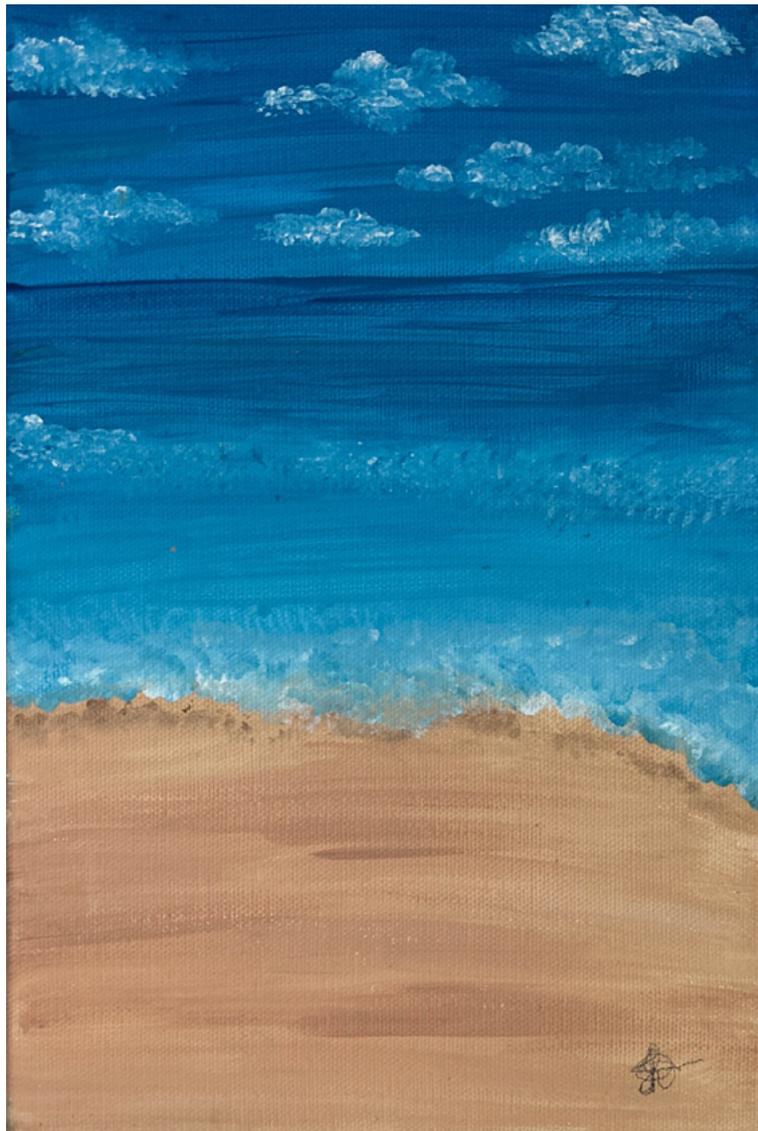
Dias depois, conseguiu autorização para entrar novamente no laboratório. Naquele dia, havia levado as flores artificiais da floricultura de sua esposa, para que pudesse decorar ao redor do local onde o bebê estava. Isso trouxe a sensação de que ele não estava ali abandonado, mas sim que ele tinha uma família que o amava. Quando Fernando saía do laboratório, o bebê parecia saber, e ficava internamente agitado, o que deixava o pai extremamente ansioso e triste, muito preocupado com o

destino que seu bebê teria naquele laboratório.

Foi então que na terceira visita ao laboratório, em um momento de loucura, ele resolveu romper a placenta em que estava seu filho, libertando o bebê daquela máquina. Foi um momento de intensa emoção, pois enfim ele poderia colocar o filho no colo. No entanto, mais uma vez ele havia cometido um crime contra as restrições reprodutivas da época. Fernando pegou a criança, enrolou em uma mantinha, colocou a criança dentro de sua mochila, saiu despercebido do laboratório e levou o bebê para casa, fazendo uma grande surpresa para sua esposa. Você deve estar se perguntando o que aconteceu depois de tudo, mas isso já é história para outro dia...



Giovanna Rolim Pinheiro Lima



Era apenas mais um dia comum na vida de Alice. Ela acordou cedo como de costume, jogou água no rosto, se arrumou para o treino e tomou um café reforçado para dar aquela energia que iria precisar. Afinal, faltava apenas um mês para a competição pela qual ela havia se preparado durante todo o ano, aliás, durante toda a sua vida. Assim eram todos os dias de Alice, sempre na mesma rotina rígida e totalmente dedicada ao esporte, com o objetivo de conquistar seu maior sonho: ser uma atleta profissional. Aos 20 anos, finalmente tinha sido convocada para participar da competição mais importante do país, um passo importante para alavancar sua carreira.

Ao voltar do treino naquele dia, ela começou a sentir um aperto no peito e parecia ter esquecido como respirar. E não, não era um infarto, era mais um episódio de suas crises de ansiedade, com as quais vinha lidando ao longo dos anos por se cobrar tanto para alcançar sua meta. Alice sabia do problema que tinha, mas nunca havia buscado ajuda. Sempre teve medo de demonstrar qualquer sinal de fraqueza, mesmo para as pessoas mais próximas. Assim, cada vez que sua prova se aproximava, as crises se tornavam mais frequentes e mais difícil ficava lidar com tudo aquilo. Ao chegar em casa e estacionar seu carro, foi pegar seu material de treino que estava no banco de trás e, em questão de segundos, em um dia comum, sua vida mudou para sempre.

Antes de continuar o enredo, é importante apresentar Aurora, sua vizinha de 60 anos, diabética tipo 1 desde os 12 anos de idade. Ela sempre lutou muito para controlar sua doença, tendo que tomar insulina de forma rigorosa desde criança. Entretanto, já havia desenvolvido complicações da doença por ter dificuldade de controle, e assim não enxergava como antes devido à retinopatia diabética. Os últimos dias de Aurora vinham sendo conturbados, pois seu amado esposo estava internado por uma pneumonia grave. Assim, ela já não estava conseguindo cuidar de si mesma. Naquele fatídico dia, seu esposo havia sido entubado e, diante de tantas noites mal dormidas na sala de espera da UTI e com a cabeça cheia de preocupações, acabou esquecendo de comer após tomar suas medicações. No caminho de casa, já vinha sentindo a sensação de cabeça vazia e começou a ficar mais sonolenta, o que associou às noites mal dormidas. Assim, continuou o caminho todo se sentindo cada vez pior. Ao estacionar seu carro na garagem do apartamento, simplesmente apagou, e foi aí que tudo mudou.

"BUMMMMMMM!" Esse foi o barulho que todos do prédio escutaram. O som que mais se parecia com uma bomba detonando foi

o resultado da colisão do carro da Dona Aurora com a parede do estacionamento, infelizmente atingindo também Alice, que teve sua perna imprensada contra a parede. Logo, os vizinhos correram para ver o que havia acontecido, e a partir dali a única coisa que ela lembra foi de escutar o barulho das sirenes da ambulância. Quando acordou no hospital, ainda sonolenta e sem lembrar do que havia acontecido, viu no rosto de sua mãe uma tristeza estampada que nunca havia visto antes. Logo notou que algo muito grave havia acontecido. Levantou o lençol rapidamente para tentar entender por que estava sentindo tanta dor na perna e então viu que a perna não estava mais lá.

"Por que comigo? AAAAAAAAAAAAA!"

O grito e o choro de Alice ecoaram nos corredores do hospital. Ali, ela acreditava que toda sua vida estava perdida. Além de perder a perna naquele dia, sentiu como se seu sonho também tivesse sido arrancado de seu coração.

Naquele momento, quando se viu sem esperança e sem propósito de vida, ela ainda não sabia, mas sua vida ainda tomaria um rumo totalmente inesperado.

Pela noite, o Dr. Thomas, um jovem especialista em próteses avançadas para quem ela havia sido encaminhada, foi visitá-la para avaliar seu caso. Ele era conhecido por suas habilidades excepcionais e por suas inovações revolucionárias na área da medicina, mas o que encantou Alice no momento em que o jovem médico entrou em seu quarto foi o sorriso largo que ele tinha estampado em seu semblante, o olhar que lembrava a cor do mar e transmitiu naquele momento paz e esperança para o seu coração. Durante a consulta, ela ficou impressionada com a humanidade e delicadeza do rapaz, sempre preocupado em explicar cada detalhe de como seriam os próximos passos para sua recuperação e as opções disponíveis para seu tratamento. Ele explicou a ela sobre as possibilidades

de uma perna biônica, uma prótese futurista que poderia restaurar sua mobilidade e permitir que ela voltasse a praticar esportes. Ela sabia que a prótese poderia ajudá-la a voltar a fazer o que amava, mas também tinha medo de não ser a mesma pessoa de antes.

Após uma série de avaliações e exames, Alice foi submetida a uma cirurgia para a implantação da perna biônica. A tecnologia era incrível. A prótese era feita de materiais leves e resistentes, com sensores que se conectavam aos nervos remanescentes de sua perna. Isso permitia que ela controlasse a prótese com seus próprios pensamentos, como se fosse uma extensão de seu corpo.

A recuperação foi desafiadora, mas Alice era determinada. Ela se dedicou intensamente à fisioterapia e aos exercícios de reabilitação. Aos poucos, ela começou a se adaptar à sua nova perna biônica. A prótese respondia aos seus comandos com precisão e ela logo percebeu que poderia voltar a praticar esportes, o que deu novamente sentido à sua vida.

Durante todo o processo de recuperação, Alice e o Dr. Thomas desenvolveram uma relação especial. Ele a apoiou em cada etapa do caminho, incentivando-a a nunca desistir. Com o tempo, essa relação se transformou em algo mais profundo. Além de médico, ele também se tornou amigo e confidente. Alice percebeu que estava se apaixonando pelo médico que a ajudou a encontrar sua força novamente, mas já não sabia se ele sentia o mesmo.

Thomas, que sempre foi tão profissional e respeitoso, jamais imaginava se apaixonar por uma paciente, mas ele já não conseguia mais evitar o sentimento que havia desenvolvido por aquela linda menina dos olhos cor de mel, com o olhar tão doce. Thomas se encontrava em um dilema ético. Ao mesmo tempo que sabia que era errado gostar de Alice, nunca havia sentido algo sequer parecido por ninguém durante toda sua vida. Desde o dia em que a conheceu, ao entrar naquela sala do hospital, ele

nunca mais conseguiu parar de pensar nela. Ao longo da reabilitação, ele sempre tentou apoiá-la, mas manter a relação profissional estava se tornando cada vez mais difícil. Como ele conseguiria negar por mais tempo o que sentia por ela? Como um sentimento tão puro e genuíno que se construiu de forma tão natural poderia ser tão errado? Ele já não sabia mais como agir perto dela. Pensou diversas vezes em tentar afastá-la, mas algo tornava aquilo impossível, era como negar a si mesmo. Era como negar o ar que entrava em seus pulmões, ele precisava dela.

Nela, havia encontrado tudo aquilo que sonhava. Não tinha como não se apaixonar por ela, aquela menina tão forte e tão delicada ao mesmo tempo. A única coisa que se passava na cabeça dele era como ele iria contar tudo aquilo que sentia para ela.

À medida que Alice se adaptava à sua nova perna biônica, ela também redescobria sua paixão pelos esportes. Ela voltou a correr, saltar e competir, superando todas as expectativas. Sua determinação e coragem inspiraram não apenas aqueles ao seu redor, mas também pessoas de todo o mundo que acompanhavam sua jornada de superação.

Ao final do tratamento, quando Alice já estava bem, Thomas a chamou para conversar e pediu para ela buscar outro médico para acompanhá-la. Nesse momento, um turbilhão de pensamentos passou por sua cabeça. Ela não queria perder o contato com ele, nem que ela continuasse sendo apenas mais uma paciente dele. Afinal, estava cada vez mais apaixonada por ele e não suportaria não tê-lo em sua vida. Foi então que Thomas se declarou e contou tudo que sentia por ela. Aquele momento foi como se os dois tivessem tirado um peso de suas costas. Finalmente, eles poderiam viver aquilo que tanto sonhavam em segredo.

Após anos de superação e crescimento, Alice e o Dr. Thomas decidiram se casar, celebrando não apenas seu amor, mas também a jornada incrível que percorreram juntos.

Enquanto sua carreira como atleta profissional decolava, Alice e o Dr. Thomas continuaram a trabalhar juntos, ajudando outras pessoas a superar suas próprias adversidades. Eles compartilhavam uma paixão mútua pela medicina e pelos esportes, e juntos formavam uma equipe imbatível.

E assim, Alice encontrou a felicidade em sua nova vida, impulsionada pela tecnologia avançada e pelo amor que compartilhava com o Dr. Thomas. Ela percebeu que o acidente não a definiu, mas sim a fortaleceu. Que mesmo diante de tantas adversidades, a vida pode tomar caminhos surpreendentes e melhores do que seus planos. Sua perna biônica não era apenas uma prótese, mas uma extensão de sua determinação e coragem. E, ao lado do amor de sua vida, ela descobriu que a superação é um poderoso combustível para alcançar os sonhos mais audaciosos.





A mente que cria o universo

A mente humana sempre foi uma paixão para mim. Não sabe ainda os mistérios que o cérebro humano é capaz nem como ele funciona de forma inteiramente explicável. Mas, cada vez que opero e abro a cabeça de uma pessoa, consigo imaginar tamanha a dimensão que seria de sua mente criadora que cada corrente de massa cinzenta pode fazer. Sou formado em Neurocirurgia pela Universidade de São Paulo e já vi muitas operações já realizadas para me aperfeiçoar em minhas habilidades cirúrgicas. Entretanto, nunca pude conhecer as profundezas por completo deste órgão maravilhoso que é o cérebro.

Esse órgão me fascina desde as aulas de anatomia. Sei de cor cada giro e cada sulco que possui em sua formação anatômica. Porém, ainda há muito o que se compreender sobre as funcionalidades adaptativas diante de contextos diferentes. Já li muitos artigos, livros e depoimentos de grandes mestres da área, mas isso sempre só aumentava ainda as minhas dúvidas sobre a natureza desse órgão complexo.

Quando me formei, comecei a trabalhar no Hospital Israelita Albert Einstein como neurocirurgião. Por que este hospital? Bem, acontece que ele foi a minha primeira opção devido ao aspecto inovador que essa empresa apresenta na medicina. Há muitas pesquisas e tecnologias para nos auxiliar no tratamento e diagnóstico, o que o tornou o lugar ideal para se trabalhar. Existem muitos casos em que recebemos da cidade de São Paulo ou do interior do estado. Todos eles envolvem a maioria dos casos: traumatismos cranianos, trombólise para AVC e tumores cerebrais. O que mais impressiona nisso é que cada paciente tem a sua própria história para contar, apesar de algumas semelhanças, é claro. Eu sempre tenho mais de 20 pacientes que ficam na enfermaria aguardando uma cirurgia ou se recuperando após uma cirurgia feita.

Em um certo dia, por exemplo, vieram os meus pacientes e revisei os prontuários deles. Geralmente, os prontuários deles são bastante simples e diretos porque, para um profissional que vai ler, não se pode perder tempo com detalhes fúteis. Porém, existe a parte humanizada nesse trabalho. Todos os dias eu vou direto aos meus pacientes que estão internados para vê-los e verificar como estão. Para alguns deles, eu passo uma breve saudação e pergunto se estão se sentindo bem ou se há alguma intercorrência, mas caminho para o próximo caso se o paciente não tem nenhuma queixa para relatar. Existem outros em que dedico um pouco mais de tempo para conseguir relatar suas intercorrências ao longo do tempo em que estava ausente, como dores, febres, convulsões, al-

terações gastrointestinais e problemas de sono. Escuto cada detalhe para entender a sua angústia e, assim, anoto todos os detalhes para conseguir realizar um manejo específico para aquele paciente. Todos eles têm uma história para contar, principalmente quando chegam na admissão, ou seja, quando são novos na enfermaria. Portanto, é nesse momento que fico sendo calmo e escuto cada detalhe de sua história, registrando as partes mais importantes para os assuntos médicos.

Já vi depoimentos sobre várias histórias. Um homem que sofreu um acidente e não utilizou o capacete conforme era devido. Uma briga entre casal e, no final, o marido caiu subitamente no chão. Uma pessoa que realizou um assalto e sofreu um acidente no meio do percurso na fuga. Entretanto, existem histórias que mais me cativam e são essas que fazem o trabalho ficar mais divertido. Existem pacientes que contam sobre os seus anseios e os sonhos que têm na vida. Um imagina fundar o seu próprio negócio e criar algo que pode ajudar a sociedade como um todo, como é o caso do senhor Fernando da Silva, que pensa em criar um aplicativo que mostre os principais restaurantes para sua comida favorita. Também, algumas pessoas usam muito a imaginação para criar mundos onde podem fugir da dura realidade da cidade, como é o caso do Daniel Seixas, que contou para mim sobre fugir para uma ilha onde tudo o que crescer seria comestível, e assim, quem habitasse na ilha não sofreria com o problema da fome. Sei que isso pode parecer absurdo, mas acho incrível o processo criativo que a mente humana pode fazer para tentar mudar a sua realidade e pode até ser fascinante quando criamos um universo diferente da realidade em nosso consciente.

Há vários casos que me deixam intrigados. Mas, houve um dia em um caso interessante de uma criança que havia chegado no hospital. Era uma paciente que tinha um tumor cerebral na região parietal (região mais superior do cérebro). Ele estava crescendo e precisava ser operado imediatamente. Eu precisava conversar com a criança antes para prepará-la para a cirurgia.

Eu me apresentei e conversei um pouco com a criança, junto com os pais, para conseguir extrair o máximo de informações. Primeiramente, conversei com os pais sobre a situação do filho deles. Pela descrição, tratava-se de uma criança do sexo masculino, pardo, com 14 anos, natural e procedente de Fortaleza. Conversei com os pais sobre a situação e os riscos que tinham em uma cirurgia de tumor. Os pais estavam apreensivos quando o filho apresentou sintomas de convulsões e, posteriormente, uma síncope (desmaio súbito) com muita frequência. Isso os deixou assustados e, portanto, eles procuraram uma UPA para conseguir identificar o problema. Posteriormente, os médicos pediram uma tomografia computadorizada para identificar o problema, e foi notado que uma massa foi identificada na região cerebral. Por fim, quando notaram, ele foi transferido para ser internado na enfermaria de Neurocirurgia do Hospital Albert Einstein. Foi solicitada uma ressonância magnética de crânio e uma biópsia para identificar o estágio do tumor e sua localização exata para ser realizada a sua cirurgia. Eu relatei tudo o que sabia sobre a situação da criança e sobre os tipos de tumores que existiam, os quais poderiam ser o caso em questão.

Após falar com os pais sobre as possibilidades de cada situação, eu fui falar com a criança. Parecia que a criança não estava muito assustada. Ela estava na cama da enfermaria desenhando ou escrevendo algo em seu caderno. Então, eu me aproximei e me apresentei gentilmente para ele.

— Oi, garotinho, tudo bem? Qual o seu nome?

— Oi, eu sou Raimundo e o seu? - disse o menino, que olhou para mim de repente.

— Eu sou o Dr. Gabi. Meu nome de verdade é Gabriel, mas pode me chamar de Gabi. - disse eu querendo fazer uma interação - o que está fazendo?

— Isso é segredo - disse o garoto, desviando o caderno da minha atenção - vamos dizer que eu tenho um mundo secreto onde muitas vezes eu me escondo para fugir e onde posso ser feliz.

— Entendo, pois me fale um pouco mais nesse seu mundo.

— É um mundo onde podemos ser qualquer coisa e podemos criar qualquer coisa que possamos imaginar. A imaginação não tem limite. Quando eu penso em algo, eu tento desenhar o que vem na minha cabeça. Isso me ajuda a me acalmar.

— Entendo completamente - disse eu, observando também que as suas funções motoras estavam preservadas e até sua capacidade de raciocínio. Quando você é um especialista treinado, você pode adquirir certas informações através de uma simples conversa.

— Imagino que deva ser um mundo fantástico.

— É o melhor - disse o Raimundo com bastante entusiasmo - às vezes, eu crio coisas nesse mundo para ver o que há de melhor e transformar o que está ruim em algo bom.

— Isso é o que é fantástico em um cérebro - respondi, concordando com o menino.

— O que é um cérebro?

— acredite, nem eu, um especialista neste órgão, pode dizer exatamente e com 100% de certeza sobre o que é exatamente este órgão maravilhoso. Só posso dizer que é um órgão do corpo que é responsável por fazer um monte de maravilhas que o ser humano hoje em dia pode fazer. Ele tem a capacidade de tornar algo imaginável em real, você sabia disso?

— É sério?

— Sim. Muitas invenções que usamos hoje foram primeiramente idealizadas pelo cérebro. Por isso, nada é mais brilhante do que imaginar

e fantasiar. Talvez com um pouco mais de idade e estudo você pode um dia aprender mais sobre o que o cérebro pode fazer.

— É mesmo?

— Sim, não deve deixar que alguém ou algo possa apagar a sua mente. - Agora, terminando a conversa e levando a um assunto sério - eu imagino que deva saber o porquê você está aqui, né Raimundo?

— Eu sei. - disse o Raimundo balançando a cabeça com significado de afirmação - meus pais estão preocupados porque eu tive uma sensação estranha de que meu corpo estava paralisado e aí acordei poucos minutos depois no chão. Mas, eu não lembro bem... De repente, a criança teve outra crise de convulsões.

De repente, ele ficou mexendo os braços e pernas de forma involuntária e aleatória. Ele teve mais um ataque de convulsão de fato. Nesse momento, tínhamos que agir rapidamente. Fui encaminhado para ter um midazolam para conseguir estabilizar as crises de convulsões dele.

Percebi que não dava para esperar, então já estava na hora de nos prepararmos para a cirurgia. Teríamos que andar rapidamente.

O garoto ficou em jejum por 24 horas e foram retirados alguns medicamentos que precisavam ser retirados para um sucesso melhor na cirurgia. Então, o procedimento começou e já estava tudo planejado.

Entretanto, eu cometi um pequeno erro durante o procedimento para a retirada do tumor. Parece que não consegui avaliar bem a dimensão do tumor para que ele pudesse ser retirado com maior facilidade. Ainda para piorar, a máquina de drenagem foi danificada, e as enfermeiras tiveram que procurar urgentemente consertá-la ou procurar uma forma de substituição. O mais rápido possível. Era um ambiente de muita pressão. Mas, eu tentava respirar fundo e conseguir fazer esse procedimento dar certo. Uma Neurocirurgia geralmente é um procedimen-

to que dura 6 a 8 horas, dependendo da agilidade do Neurocirurgião. No fim de tudo, o procedimento acabou, e eu tive que colocar alguns parafusos para tampar o osso com o crânio. Após todo o processo feito, o menino ficou sob os cuidados dos anestesistas e, posteriormente, foi levado para a enfermaria onde ele seria avaliado.

Eu não sei ao certo se deu tudo bem. O menino teve uma pontuação de Glasgow de 3 pontos, o que estava me deixando mais preocupado. Significa que o paciente estava em coma. Ele não abria os olhos, e isso apavorava até os pais.

Depois de ter evoluído todos os outros pacientes, já estava na hora de ir para casa, mas algo me preocupava. Eu fui ver o Raimundo mais uma vez na esperança de um milagre acontecer. Mas, até agora nada. Foi, então, que eu simplesmente olhei o caderno dele ao lado e me deu curiosidade para ver o que ele escrevia tanto naquele caderno. Os pais foram se acalmar em uma outra ala do hospital, então eu pude ver o caderno com mais tranquilidade. Mas, quando eu vi, eu fiquei maravilhado.

O caderninho tinha um monte de desenhos feitos pelo Raimundo. Um ambiente que mostrava um monte de crianças brincando e bem colorido. Nada muito profissional. Nesse caderno também vi um monte de animais que brincavam com seus donos e também várias outras ideias que, confesso eu, não sabia muito bem identificar. Tudo isso era maravilhoso. Eu pude ver mais uma vez que a mente humana pode criar um universo inteiro dentro de uma mente de uma criança, ainda muito mais feliz. Tudo isso ainda me faz me apaixonar pelo campo da neurologia e estudar o processo criativo que está por trás do cérebro. Não sei bem o que há mais para se descobrir, mas o mistério torna o ambiente caótico ainda mais cativante para os olhos de um curioso.



Pedro Austregésilo



O Jovem e o Trovador

No princípio da história

um trovador com muita experiência, canções e relevantes memórias,
em seus versos, uma enorme vivência.

Mas sentia que faltava algo,
talvez um pouco de ciência,
quem sabe um descendente
para compartilharem suas inteligências.

Do outro lado da moeda, um acadêmico a estudar. Um misto de
emoções, que logo vão se completar.

As histórias ainda distantes mas próximas, a se conectar, deixando na mão do “destino” o futuro a se entrelaçar.

Um estudante de medicina com sonhos na melodia,
com seu violão, versos a fluir, buscando sempre a harmonia.
Sentindo falta de algo,
talvez uma mágica poesia. Assim conduzindo o caminho, em uma estrada de sabedoria.

Percorria hospitais e laboratórios em todos os seus dias.

A ciência era sua paixão,
e também sua agonia.

Mas na medicina faltava o toque, o mais belo da poesia,
e essa busca o guiou,
feito a correnteza que fluía.

Nas margens de uma bela praia
o encontro se consumava,
o jovem imaturo e esperançoso,
o trovador com sua boina o aguardava.

O mar trouxe certezas,
que o futuro preparava.

Aquilo que não se pode prever,
mas que já estava previsto na jornada.

O escritor com sua sabedoria,
com seus olhos sempre sorria.

Ali, no encontro do jovem e do sábio, havia um instante eterno de alegria.

O estudante ouvia admirado
as histórias do trovador.

O trovador estava encantado, com as canções do futuro doutor.
Naquele encontro esperado um laço paternal de amor, e assim uma eterna poesia, que para sempre se iniciou.

O estudante de medicina
com sua ciência e paixão.

O trovador muito sábio, misturando experiência e lição.
Juntos exploraram a vida em uma nova direção.
Na escrita e na medicina encontraram seu galardão.

O trovador mostrou ao estudante a beleza do viver,
as histórias que na vida simples pôde-se aprender.

O estudante compartilhou o conhecimento a crescer, a medicina e a arte,
a possibilidade a florescer.

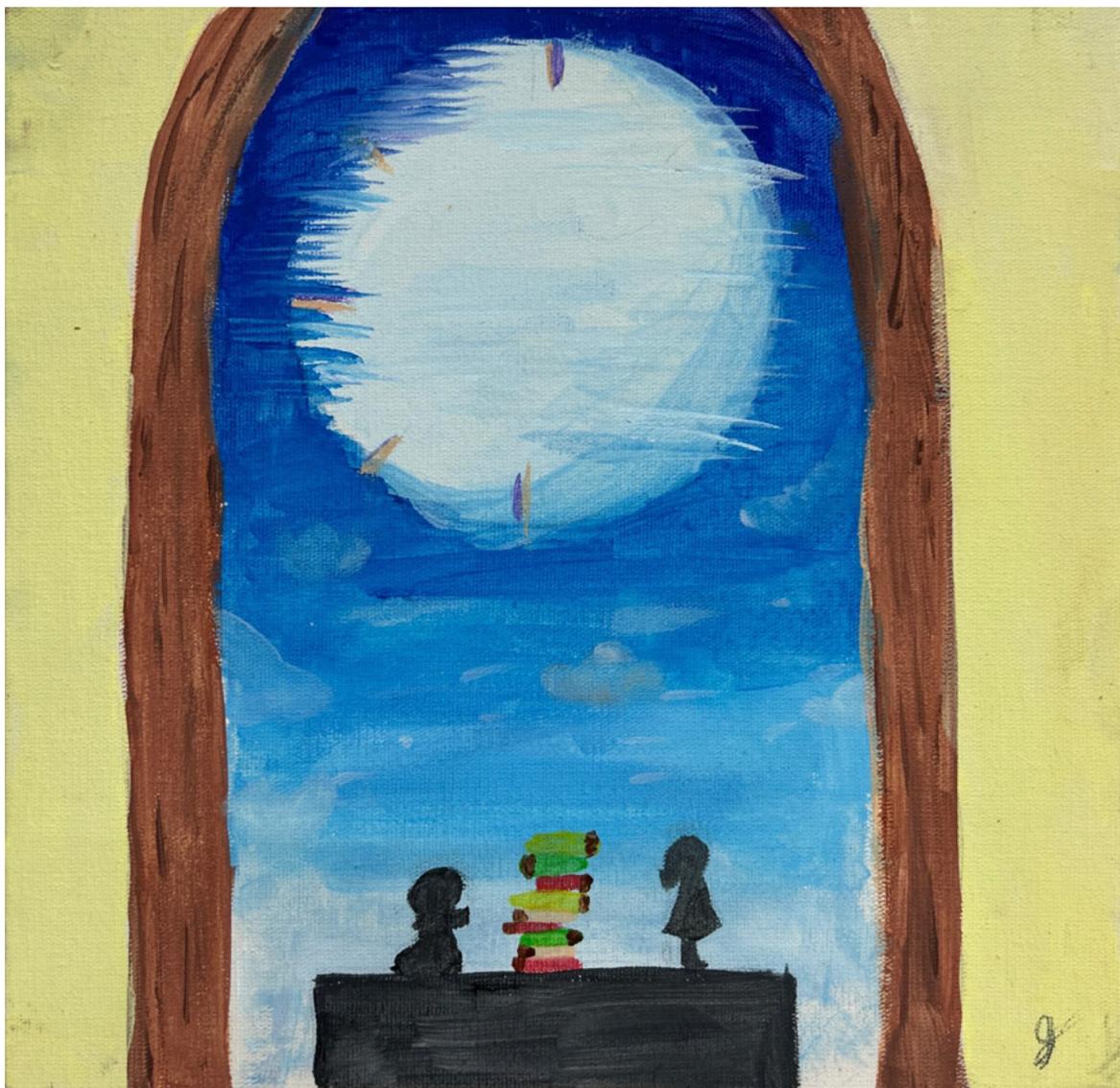
O trovador rompeu fronteiras,
o amor foi sua bandeira.

O estudante desfrutou
dos ensinamentos sem barreiras.

A gratidão prevaleceu,
o laço não se rompeu,
o destino irá os unir,
o tempo, quem sabe é Deus.



Gisa Da Costa De Macedo



Fugas

Valentina acordou às 4 horas devido ao som do despertador, que era incessante e incrivelmente chato. Ela levantou e desligou o toque do celular, não podia perder tempo, devia se arrumar e começar o dia. A rotina dela era intensa e não havia espaço para erros ou atrasos. Valentina iniciou sua rotina diária, sempre com a sua corrida, em direção ao nascer do sol, algo inestimável, como mostra aos seus seguidores nas redes sociais. Logo após, ela regressou para casa, preparou um café da manhã proteico, com as melhores receitas, todas indicadas pelas nutricionistas e blogueiras. Depois da refeição, continuou com as suas preparações,

vestiu roupas da última moda, aplicou maquiagem da melhor forma que suas habilidades permitiam e enfim, saiu para o trabalho. Atualmente, ela trabalha como médica na enfermaria do hospital regional da sua área, uma conquista para a qual se esforçou muito para conseguir. Foram muitas horas de estudo, noites viradas e encontros negados para focar no sono, mas, de acordo com ela, valeram a pena. Porém, naquele dia, Valentina chegou no trabalho já cansada, enfadada e reclamando de algo sobre o dia. Ela poderia listar 30 motivos para aquele não ser o seu melhor dia, mas nenhum estava sendo um bom dia.

Trabalhar em uma enfermaria era mais monótono do que ela esperava, sempre na mesma rotina, nas mesmas perguntas e decisões. Além disso, existia um novo desconforto crescente, o sentimento de inutilidade. Ela estava cada vez se questionando mais, se era aquilo mesmo. A medicina era formada por pilhas de papeladas e exames que a coordenação não liberava. Ela estava mudando mesmo a vida de alguém? Aquilo com certeza não passava pela imaginação de uma criança que se encantava com grandes mudanças e momentos de pura emoção, ela sonhava em fazer a diferença e ser uma super-heroína. Mas isso eram apenas sentimentos internos. A senhorita perfeita estava determinada a não expressar emoções "negativas" como descontentamento. Valentina nunca quis deixar suas responsabilidades para os outros, na vida só se pode contar consigo mesmo, então sempre estava lá para fazer o que esperavam dela. Ela seguia o roteiro da vida à risca.

Entre seus deveres estava a visita aos pacientes, que eram em sua maioria curtas e diretas. Em um dos leitos, estava a dona Lúcia, uma paciente em seus 80 anos, que estava internada há 4 dias em tratamento por pneumonia. Era uma senhora vaidosa com cabelos recém-pintados e um sorriso no rosto, onde tudo era motivo para uma boa gargalhada, e seu principal passatempo era puxar os passantes para recolher as últimas

informações da ala.

Às 8 horas, Valentina começou as visitas, viu os pacientes de sempre, todos estáveis. E por último estava a senhora Lúcia.

— Bom dia, Dona Lúcia, como está hoje?

— Bom dia, doutora, estou bem, mas não comi muito ontem, a comida está sem tempero.

— Entendo, mas a comida de hospital é assim mesmo. A senhora está respondendo bem aos antibióticos, logo estará voltando para a comida que está acostumada.

— Que notícia boa, estou mesmo com saudade das minhas amigas, preciso me atualizar das últimas visitas, da novela que está atrasada, e claro, dos namorados. Uma das minhas amigas estava de paquera com um senhor da outra ala, estava um escândalo.

A forma de falar de dona Lúcia conseguia arrancar um sorriso de Valentina, não muito grande, mas já era alguma coisa.

— Não me entenda mal, esse hospital consegue ser mais parado do que o lugar onde moro. As enfermeiras, por exemplo, são todas gente fina, mas ficam aí reclamando pelos cantos.

— Às vezes as pessoas têm algum problema que não querem deixar claro.

— E o seu?

— O meu?

— Sim, o seu problema, que vai me explicar essa sua cara murcha.

— Ah, é só o cansaço rotineiro.

— Rotineiro? Isso aí não é comum, pra mim cara ruim é fome ou coração partido.

— Mas problemas todo mundo tem.

— Claro, de dificuldade eu entendo, mas isso não é motivo, tanta gente nova tão triste.

Dona Lúcia, apesar de sempre estar disposta a brincar e conversar com os colegas, não falava muito de si, evitava as perguntas e seguia a conversa. Ela morava atualmente em um asilo, foi deixada lá pelo filho há uns 7 anos e ele sumiu no mundo, nunca a visitava e raramente fazia alguma ligação que não fosse para resolver assuntos financeiros. Isso impactou a idosa de uma forma que ninguém sabe dizer, pois ela também não deixava transparecer, mas as feridas estavam lá.

— Quando a senhora era jovem devia ser diferente, mas vai dizer que nunca fez algo de errado e que te machucou?

— Era muito divertido na minha época, era muito melhor, as pessoas prestavam mais, mas sim, já errei e já me machuquei.

— Mas ninguém ignora as feridas.

— Mas não precisa ficar olhando, elas estão lá. Você só foca nas coisas erradas.

— Erradas?

— Sim. Olhe, o dia está lindo lá fora, tanta coisa para fazer, para aprender. E com tanta coisa lá, você acha que o "fulano" chegou atrasado? Se alguém está infeliz, que resolvam o problema; se não tem solução, tenha paciência.

Mas será que era só isso mesmo? Aguardar, que tudo se resolvia? Valentina se perguntou, estranhando a linha de pensamento.

— Você é outra.

— Eu?

— Sim, você. Me fala que não tem problema, mas fica de cara feia. Sorria mais.

Mas a doutora tinha problemas sim. Os problemas estavam lá, e ela

sabia, só não queria admitir. Aparentemente, todos os outros viam.

— Mas a senhora está tão feliz assim, qual o segredo?

— O segredo é viver e andar.

— A senhora não se arrepende das coisas?

— Do que adianta se arrepender, é só energia gasta. Não corro atrás das coisas.

— É uma maneira diferente de ver as coisas.

— Diga o que quiser, mas funciona.

De certa forma, deve mesmo funcionar, mas parecia ter um preço. Para Valentina, tanto quanto para ela, a dona Lúcia vivia pela expectativa do outro e com a impossibilidade de ser fraca e vulnerável. Todos realmente tinham problemas, mas cada um lidava com eles de uma maneira diferente. E talvez, se as pessoas aprendessem a ver, poderiam se ajudar. Valentina às vezes esquecia que a vida se mostra de todas as formas, e os problemas também. Talvez fosse hora dela mudar, os olhos podem ver muito. O paciente era muito mais do que apenas uma doença e remédios, e com isso ela tinha tanto a aprender. Mas com o coração aberto, poderia realmente ajudar, em casos que a dona Lúcia não foi.



MOMENTOS PARA LEMBRAR

6

6

MOMENTOS PARA LEMBRAR

Alguns professores convidados já possuem assento cativo no ELAM, como o Prof. Lauro Perdigão, que trouxe toda a magia do teatro para uma noite incrível de reunião da turma. Para quem não lembra, Dr. Lauro é infectologista, doutor em microbiologia pela USP e diretor do Hospital São José. Mas, acima de tudo, ele é um ator, tendo feito um curso de teatro em São Paulo, e ama falar sobre esse seu lado artístico, que traz a perspectiva aos alunos de que ser bem-sucedido na medicina não precisa apagar o lado criativo e artístico que temos em nós. Aliás, ressalta ainda mais a importância da arte como diferencial nas nossas vidas como profissionais médicos. Para falar sobre esse momento, temos a aluna Thayane.



Foto: reunião com Dr Lauro Perdigão

Thayane de Freitas Lima

Durante nossa última reunião, tivemos o privilégio de receber o Dr. Lauro Perdigão, que compartilhou conosco sua apaixonante relação com o teatro e como essa arte tem impactado tanto sua prática médica quanto sua vida como um todo. Suas palavras nos trouxeram reflexões sobre o valor do teatro como um recurso valioso para o aprimoramento de nossas habilidades e relacionamentos. Ele nos mostrou que, assim como no teatro, a medicina e a docência exigem empatia, comunicação efetiva e compreensão das nuances humanas. Através do teatro, ele aprendeu a observar os gestos, as expressões e os detalhes que revelam muito mais do que as palavras podem transmitir. Além disso, o teatro também nos ensina a trabalhar em equipe de forma harmoniosa.

Nos palcos, cada membro do elenco tem um papel único e essencial para o sucesso da peça. Da mesma forma, na medicina, precisamos reconhecer a importância do trabalho em equipe interdisciplinar para proporcionar o melhor atendimento possível aos pacientes. O teatro nos ensina a ouvir, colaborar e valorizar as habilidades individuais, resultando em uma prática médica mais colaborativa e eficiente. O Dr. Lauro também nos mostrou que o teatro nos desafia a sair da nossa zona de conforto, a explorar novos papéis e perspectivas. Ao experimentar diferentes personagens e histórias, ampliamos nossa visão de mundo e adquirimos uma compreensão mais profunda das experiências humanas. Isso se reflete na medicina, onde a diversidade de pacientes e casos nos exige flexibilidade e uma mente aberta para abordar cada situação de maneira única. Além dos benefícios para a medicina, o teatro também nos proporciona importantes lições para a vida. Através do teatro, aprendemos a nos expressar de forma autêntica, a desenvolver confiança e a lidar com o improvável. Ele nos ensina a enfrentar desafios, superar obstáculos e abraçar a incerteza com coragem e resiliência. Quem não

ficou com vontade de fazer aula de teatro após o relato do Dr. Lauro?!



Pedro Felipe Austregésilo de Alencar

Definitivamente tivemos momentos de muita emoção para lembrar durante essa jornada. Tenho uma dificuldade enorme em me despedir, então diremos “até breve” para essa turminha que deixará saudade.

Vamos dizer até breve?

Hora de dizer até breve...

Hoje, vou escrever sobre como fazer parte do ELAM tem me tornado uma pessoa melhor! Eu amo fazer parte desse grupo que reúne alunos tão interessados e orientadoras maravilhosas! Este projeto tem me modificado de formas inimagináveis. Sou um acadêmico, um ser humano e até mesmo um artista melhor desde o início desta turma. A vida é um lindo teatro que deve ser vivido intensamente. Toda semana é um reinício na universidade e todo mês é um reinício ainda mais interessante para mim, porque sei que teremos um de nossos encontros. Entro na sala disposto a aprender e a me entregar às experiências. O frio na barriga ainda é real, e espero que continue sendo! Aqui deixo uma mensagem especial para todos que me incentivaram a entrar nessa jornada e também para mim mesmo: obrigado por acreditar que nossa amizade transcende as fronteiras esperadas para algo tão enriquecedor. O meio acadêmico transforma os círculos sociais, e que essa transformação venha para somar a cada dia mais!



João Lucas Araújo Moraes

A importância do ensino em arte e literatura na medicina é muitas vezes subestimada, mas essas disciplinas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de médicos completos e compassivos. Embora a medicina seja frequentemente associada a conhecimentos científicos e habilidades técnicas, a arte e a literatura proporcionam uma dimensão humanística essencial para a prática médica.

A arte, seja na forma de pintura, escultura, música ou qualquer outra expressão criativa, permite aos médicos desenvolverem empatia e sensibilidade em relação aos seus pacientes. Ao apreciar diferentes formas de arte, os profissionais da medicina são capazes de explorar e entender as experiências humanas de uma maneira mais profunda. A arte pode ilustrar o sofrimento, a esperança, a alegria e outras emoções que os pacientes enfrentam, proporcionando uma conexão emocional entre médico e paciente. Além disso, a arte também pode servir como uma forma de expressão para os médicos, permitindo-lhes processar suas próprias experiências e emoções relacionadas à profissão.

A literatura, por sua vez, é uma ferramenta poderosa para aprimorar a habilidade de comunicação dos médicos. Através da leitura de romances, poesia, ensaios e outros gêneros literários, os profissionais da medicina são expostos a uma ampla gama de perspectivas e histórias de vida. Essa diversidade de experiências literárias ajuda a desenvolver a empatia, a compreensão e a capacidade de se colocar no lugar do outro, características cruciais para uma comunicação eficaz com os pacientes. Além disso, a literatura também pode ampliar a visão de mundo dos médicos, fornecendo insights sobre a condição humana, dilemas éticos e questões sociais relevantes.

O ensino de arte e literatura na medicina não se limita apenas a

enriquecer a experiência dos médicos como indivíduos. Essas disciplinas também têm benefícios diretos para a prática clínica.



Fernando Bruno Pontes Tabosa

Expostos a novas ideias, culturas e perspectivas, expandindo nossos horizontes. E o ELAM nos estimula a isso, sempre trazendo leituras diferentes e que fogem da nossa bolha (isso é o que eu mais amo). Eu nunca leria os livros escolhidos por livre e espontânea vontade. Sobre arte, que é outro foco do projeto de extensão, acredito que seja vital no cotidiano: ela expressa emoções, inspira a criatividade e enriquece a cultura. Eleva nossa mente, tornando a vida mais significativa e bela. Obrigado por tudo, ELAM!



Iury Magalhaes Dutra de Melo

A arte neste vasto período me pegou de uma forma mais humana, mais pessoal, mais tangível no que se concerne no carinho e atenção. Estar no internato e vivenciando na pele o que é ter a vida dos pacientes em nossas mãos, em estar se preparando para que em um futuro próximo nós estaremos atuando efetivamente sem supervisão e tomando completa responsabilidade. Aproximar o paciente da saúde, da fé, da família, dos hobbies e de si mesmo. É contagiante ver a melhora que apresentam. É doloroso ver a evolução que eventualmente aparece. É estonteante ver o crescimento pessoal que adquirem durante uma consulta ou internação. O tato, a palavra, o carinho, a atenção, a escuta, o olhar, o gesto, o afeto. Tudo isso simboliza a medicina. Amar a arte e a medicina é grandioso, e viver e sentir ambas é extraordinário. "Dr. eu amei a

consulta com você, muito obrigado por me escutar, muitos nem olham para mim"; "Dr. muito obrigado por ter paciência comigo neste período, desculpe se dei muito trabalho, você mudou a minha vida". Saber que está indo no caminho certo como profissional e pessoa é transformador. "Meu coração cresce 10 metros e depois explode, ah grande mundo, nós te criaremos" - Carlos Drummond de Andrade.



João Pedro Benati de Andrade Farias



A realização de uma escrita de conto com o tema centrado em aspectos da Medicina foi uma experiência muito interessante. Nesse texto,

pude abordar muitos dos meus medos, angústias e perspectivas em relação à área. Criei personagens que eram uma mistura de pessoas com as quais convivo no meu cotidiano. Essa experiência despertou uma variedade de emoções em mim. Escrever, para mim, é como uma catarse, onde consigo expressar sentimentos e alterar meu humor por meio de um simples texto, seja em forma de poesia ou prosa.



Iury Magalhaes Dutra de Melo

Obrigado Dras Mel, Dulce e Raquel por me devolverem algo que não tinha sentido há muito tempo, algo que não fazia há muito tempo. A reconexão de mim com a arte.



Até breve!

